

# DIÁRIO DE NOTÍCIAS

DOMINGO, 20 de Novembro de 1977  
ANO 102.—N.º 33 630—Preço: 6\$00  
INDEPENDENTE

Director interino:  
SÍLVIO L. F. SILVA

Propriedade da Empresa do «Diário de Notícias», Lda. — Administração, Redacção e Oficinas: Rua da Alfândega, 8 — Telegramas «Notícias» — C. P. 421 — Telef: 20031/32 — Telex 72161 — FUNCHAL

21,35 horas. O «Boeing-727» da TAP (versão B-200, tipo de avião do qual a transportadora portuguesa possui dois exemplares) depois de sobrevoar por algum tempo o céu do Aeroporto de Santa Catarina, na noite de ontem bastante carregado — com bátegas de chuva quase constantes —, acabou por fazer-se à pista. Nessa altura o aeroporto estava aberto ao tráfego, apesar de pouco tempo antes ter estado encerrado.

E o quase insólito estava para acontecer no tempo de escassos segundos. Após uma aterragem normal (no que concerne ao facto de tocar a pista), o «Boeing», contudo, faria essa operação cerca de meia-pista — praticamente frente à aerogare — inferindo-se, embora se desconheçam as verdadeiras causas do terrível desastre, que o piloto tenha tentado na circunstância descolar de novo. Testemunhas oculares, da aterragem garantiram-nos não ouvir os ruídos específicos da chamada «inversão dos reactores», pelo que presume-se a tentativa dos comandos em fazer erguer o avião. Mas, tudo não passa de conjecturas possíveis... pois todos os contactados no local da reportagem, testemunhas e responsáveis, sob a pressão dramática do acontecimento consideram-no, às primeiras impressões, inexplicável e incompreensível.

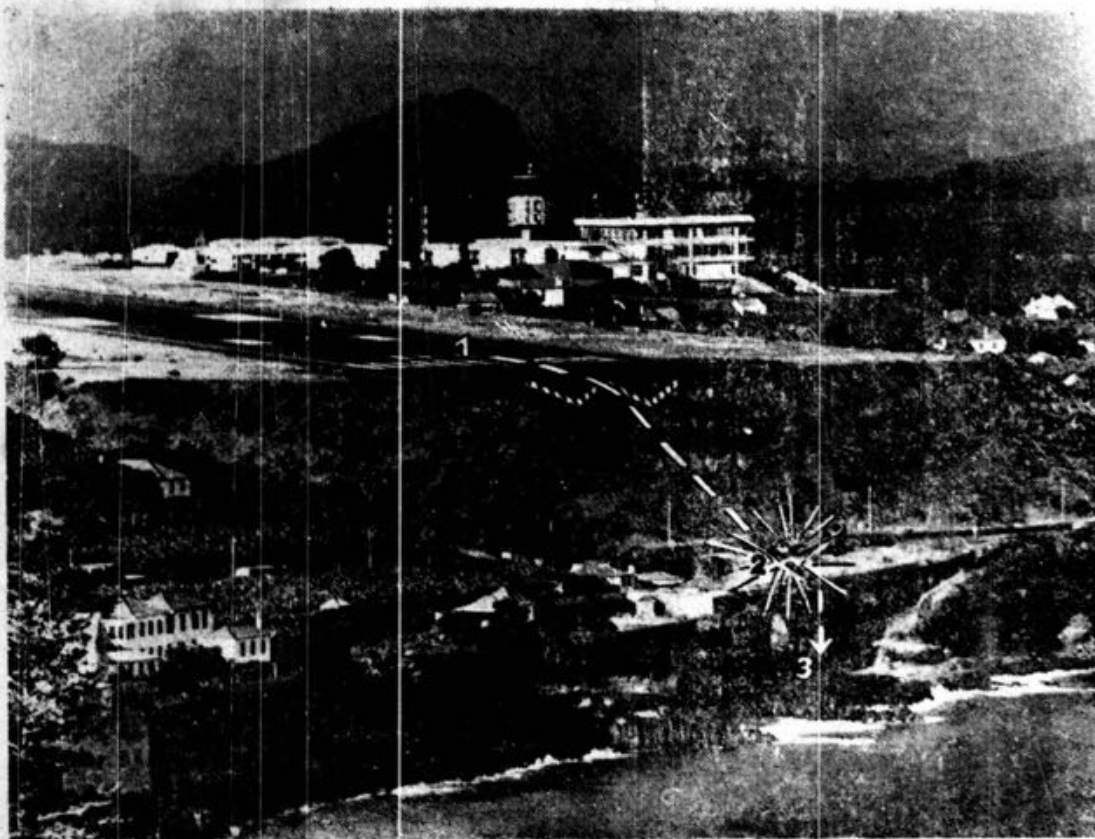
A tragédia consumara-se. O «Boeing» correu para o fatídico momento. O avião — que aterrou no sentido Leste-Oeste (Machico-Santa Cruz) — galgaria a última cabeceira da pista, sobrevoando o troço contíguo da EN 101, indo despeñar-se volvidos alguns metros, primeira, sobre o caminho municipal de Santa Cruz (que funciona como ponte sobre a ribeira do Moreno), abatendo-se, depois, sobre a zona do calhau. Ora, na altura em que toca no referido canhão-ponte a aeronave (numa estrondosa queda que alertou a numerosa população de Santa Cruz e arredores) partiu-se pela rectaguarda — parte que ali mesmo se fixou — indo o maior comprimento da carlinga repousar, num amontoado de destroços, so-

(Continua na 2.ª página)



## A MADEIRA DE LUTO

# Avião em Santa Catarina precipitou-se para a morte



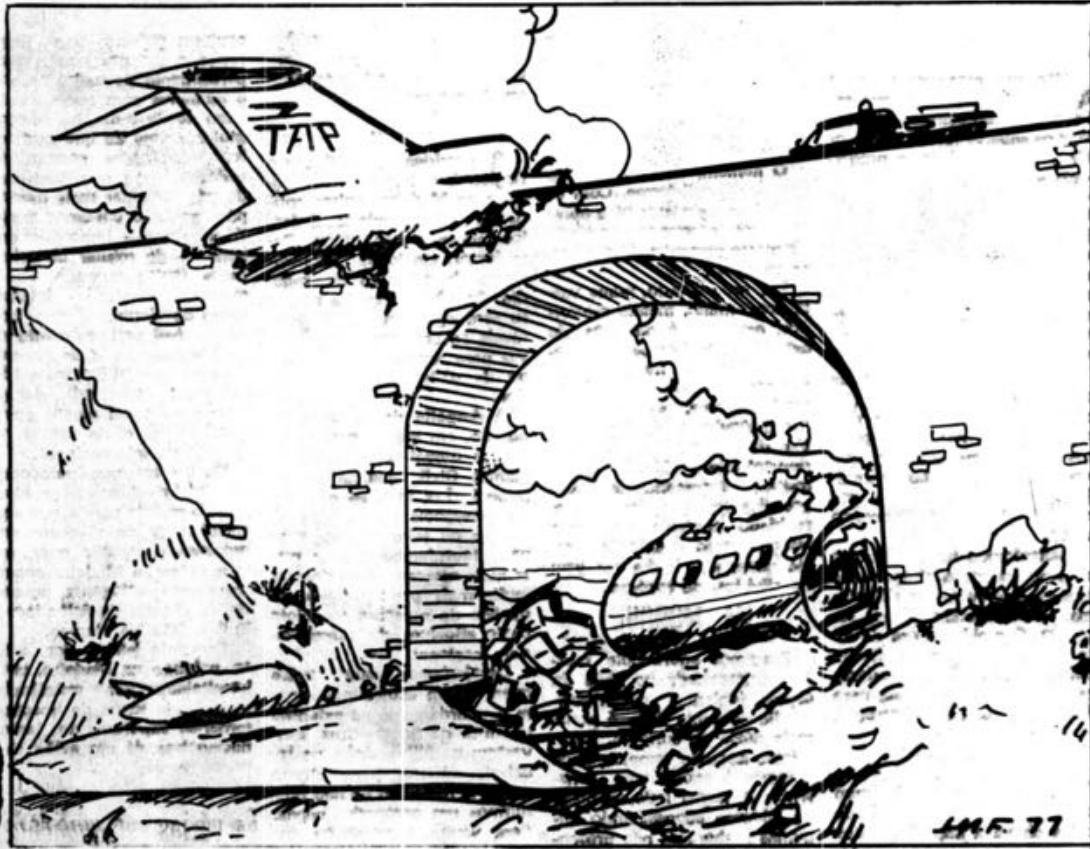
### 123 MORTOS 39 FERIDOS HOSPITALIZADOS

- PRESIDENTE DA REPÚBLICA E PRIMEIRO MINISTRO EXPRESSAM PROFUNDO PESAR
- COMISSÃO DE INQUÉRITO CHEGA HOJE À MADEIRA
- MADEIRENSES ENTRE AS VÍTIMAS DA TRAGÉDIA
- MORTOS RECOLHIDOS NA CAPELA DA MISERICÓRDIA EM SANTA CRUZ
- NEVOEIRO E CHUVA DIFICULTAM OPERAÇÕES DE SOCORRO
- AUTORIDADES REGIONAIS DESLOCARAM-SE AO LOCAL
- HOSPITAL DISTITAL: LUTA INCANSÁVEL CONTRA A MORTE

Trajectória do aparelho sinistrado: 1 saída da pista, 2 — Ponto de impacto — e onde ficou a cauda do avião, 3 — Lugar onde ficou a parte central da fuselagem.



# TRAGÉDIA NO AEROPORTO DE SANTA CATARINA



«Croquis da disposição dos destroços, vistos do fundo da Ribeira do Moreno, no sentido Norte-Sul.

(Continuação da 1.ª página)

bre o calhau com a sua parte adiantada envolvida já pelas águas do mar. Ai encontraram a morte os comandos do avião e passageiros que viajavam no sector da frente. Terminava ali, às 21.35 horas, o voo TP425 Bruxelas-Funchal (com escala por Lisboa) que saíra da nossa capital às 19.55 horas. Com 156 pessoas a bordo (passageiros e tripulantes).

A tragédia consumara-se. O aeroporto de Santa Catarina — a necessitar de ampliação desde a sua construção (em projecto em curso a exigir aceleração dos trabalhos futuros — «casa roubada tranças à porta») — acabara de ser palco do maior desastre da aviação comercial portuguesa, o primeiro no já longo historial dos Transportes Aéreos Portugueses.

Fomos os primeiros repórteres, numa viagem de serviço que nos entristeceu (sob a chuva copiosa e o intenso nevoeiro), a atingir o local da tragédia. Um ambiente que, como poderão depreender os nossos leitores, é praticamente impossível transformar em palavras. Indescribível o drama que se vivia sob os ferros rugeiros, por entre as labaredas num incêndio sem fim sob uma nuvem de fumo contínua, tudo isto envolvido pela chuva copiosa e o intenso nevoeiro. Pudemos, então, fixar as imagens fotográficas que hoje se tornaram possíveis levar aos vossos olhos. Imagens de fogo (o avião não sofreu explosões repentinas; mas incendiara seus inúmeros litros de combustível), de matéria destruída (divisava-se de qualquer ângulo a carlinga esqueletizada), de angústia e morte. Descemos ao calhau. Os primeiros sobreviventes começam a ser transportados para o Funchal na ambulância dos Bombeiros de Santa Cruz e em alguns táxis e veículos particulares. Registe-se aqui que foi um condutor de táxi — de seu nome Agostinho Marques — a primeira pessoa a detectar um sobrevivente da tragédia. Este, por obra do destino, havia sido projectado a por incrível que pareça, surgiu na EN 101. O dito condutor, correspondendo à chamada aflição, transportou-o então para o Hospital Distrital.

Outro caso de registar pelo inesperado. Uma criança também projectada foi cair numa zona de bananal contígua ao calhau. Na escuridão da noite, o seu choro alertou os populares. Embora ferida, tudo leva a crer que fugiu à morte (se, por acaso, dela alguém poderá fugir!!).

Logo após a tragédia será de reanclar o auxílio imediato do pessoal em serviço no Aeroporto, e estamos recordando, como exemplo, da actividade desenvolvida por um «check-in» que na sua voz presa pela comóção nos dizia ter já auxiliado na saída da parte traseira do avião — a tal parte que ficou sobre o Caminho Municipal — de cinco sobreviventes. Interrogado sobre a maneira como ocorreu a tragédia só nos respondeu, na sua voz intercedida pelos soluços: «Eu não sei como isto foi possível e ninguém sabe. Uma tragédia, senhor. Aconteceu e pronto, que vamos fazer?».

Neste aspecto dos sobreviventes, certificamos-nos que a sua maioria se localizou nos sítios pró-

ximos do arco da ponte, pois depreendemos que ao fracturar-se a aeronave muitos dos passageiros foram logo projectados e, embora apresentando também queimaduras (muitas delas de extensão grau), tornou-se-lhes possível um relativo afastamento da carlinga maior, essa sim, pasta de chamas. Como curiosidade, nesta parte traseira se encontravam no momento a hospedeira e o comissário de bordo sobreviventes.

Cenas dançantes se seguiram por entre a escuridão da noite. Sob uma chuva torrencial os gritos lancinantes ecoavam num apelo de dor que as palavras não conseguem exprimir com fidelidade. Em Santa Cruz, no Funchal, em toda a ilha, afinal, a população madeirense fora alertada pelos órgãos de comunicação social nomeadamente a RDP e RTP que rapidamente lançaram no éter a notícia da tragédia que acabava de enlutar o País e a Madeira. Os alarmes logo foram para o ar. As sirenes cavas dos Bombeiros funchalenses (a quem os serviços de incêndio do Aeroporto e Santa Cruz prontamente acorreram ao local) chamaram o seu potencial humano. Mobilizaram-se de imediato forças do Exército, polícias, todos os quadros clínicos do Hospital Distrital e fornecedores de medicamentos. Cerca das 23 horas uma corveta da Marinha de Guerra e um rebocador da JAPAM, chegaram às águas de Santa Cruz, pois o corpo adiantado do avião pelas águas submerso e mesmo alguns corpos foram, na circunstância, retirados com o auxílio de barcos pneumáticos. E estamos-nos recordando do corpo de um jovem, lírio (parecia ter morrido por afogamento), trazido para junto da extensa fila de cadáveres desenhada na praia, colocada por força da profusão aos nossos olhos... espedaçados no quadro macabro.

Chegaram os carros-bomba e ambulâncias de Municipais e Voluntários funchalenses. Situarão-se os intensos focos de luz. O combate às chamas, embora ardido na sua eficiência, foi anulando-as gradualmente. Já em cima, na EN 101, a azáfama das forças de segurança e dos bombeiros. Numerosos populares preenchiam os locais sobranceiros, os comentários sucediam-se, as versões inventavam-se e reinventavam-se. Muitos veículos particulares acorreram a Santa Cruz e, apesar dos apelos feitos, chegaram mesmo a prejudicar as operações. Já em cima. Porque lá em baixo — qual campo de batalha em dia de massacrante derrota — actuavam apenas equipas de bombeiros e forças do Exército. Os acessos eram difíceis na noite e os populares não foram autorizados a participar. Estivemos lá. Remover corpos de bojo destruído era a ordem de acção. No ar se respirava o cheiro da carne calcinada. Rostos disformes, amputações impressionantes, irreconhecíveis mortos que foram vida. Apreendemos algumas expressões «terrorizadas, antecedendo últimos suspiros. Uma senhora idosa de cabeça erguida e olhos abertos num apelo de salvação. Um casal jovem entreabracado com seus dedos contraídos nas roupas. Um homem agarrado com toda a sua derradeira energia a uma máquina fotográfica.

Cerca das 23.10 h. visitavam o local o coronel Lino Miguel, ministro da República, e alguns membros do Governo Regional. Consternados acompa-

nharam determinados passos das operações e comentaram este lance trágico como uma infeliz manchada na afluência turística à Região. Os destroços jaziam ali às mãos dos empoladores e especuladores futuros. Um trágico lance para campanhas que poderão afectar a Madeira.

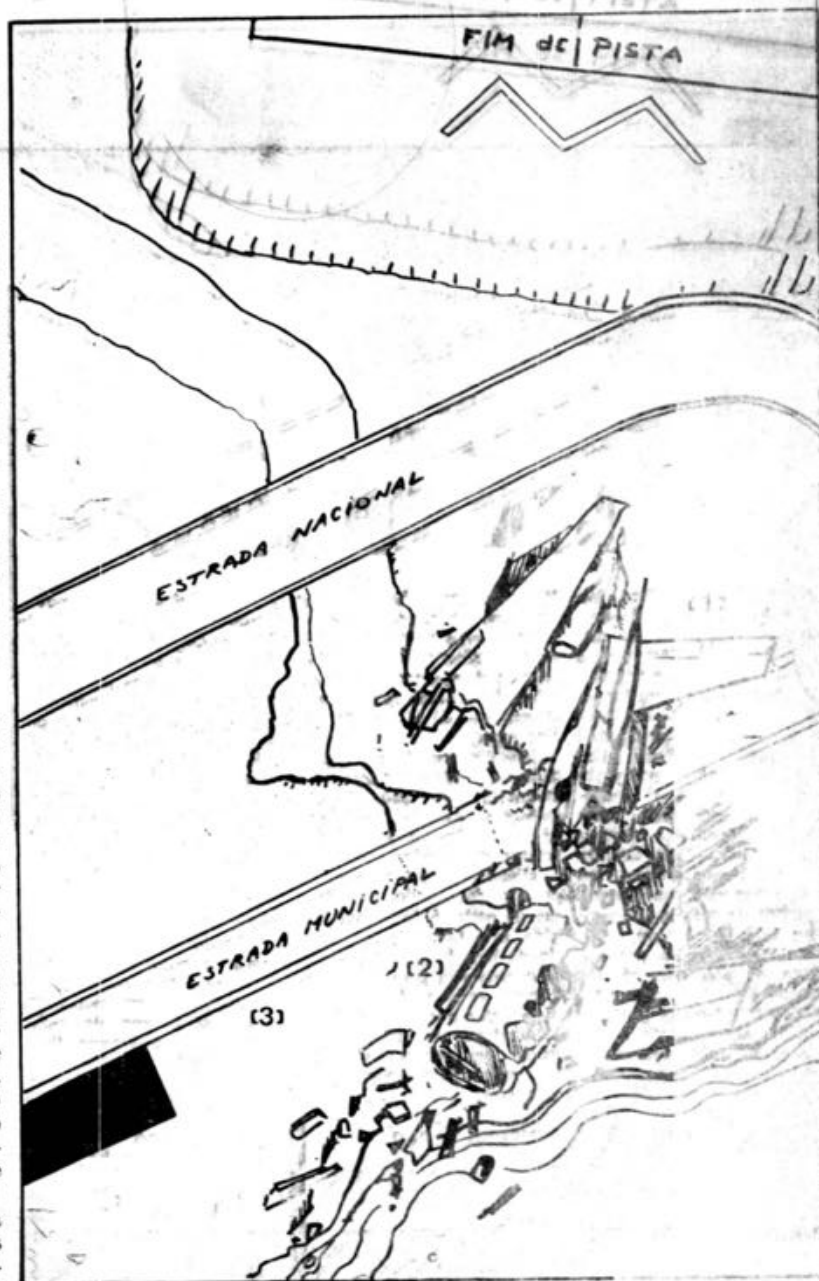
Uma equipa médica de primeiros socorros esteve em acção junto da aeronave destruída. Já pouco puderam adiar. Sucediám-se mais as vidas perdidas que as vidas por salvar. Contudo, foi amplamente meritória a sua tarefa.

Antes do regresso, encontramos-nos à chuva com Ricardo Jorge Borges Gonçalves, que no aeroporto aguardava a chegada de um tio (do qual não sabia ainda o destino) e assistiu à aterragem do «Boeing-727». Contou-nos:

— Foi uma aterragem normal. Já em Santa Cruz sobrevoou durante algum tempo o aeroporto. Parece que aguardava ordem para descer na pista, já que esta havia sido interdita, em consequência do nevoeiro que pairava. Depois, provavelmente autorizada o avião fez-se à pista. Entrei nela já aqui frente à aerogare. Deu-me a entender que iria travar, mas não. Prosseguiu a sua marcha com uma relativa velocidade. Receei então o pior. Ouvi por fim um estrondo e de imediato um clarão. Na li mais posso descrever para além de todo este aspecto terrível que estamos vivendo.

A tragédia consumara-se. Sobre a praia, na escuridão e tripartida a careca do «Boeing», fracturada entre o caminho-ponte sobre a ribeira do Moreno e as águas do oceano revoltas, espiavam-se malas, utensílios diversos, botões, fêrris torcidos e chapa queimada. Frígidas as carnes humanas colaram-se à matéria embruteada. O sangue se misturou com os óleos sobre as pedras.

Sepultava-se, entando o País num trágico golpe de infelicidade dos homens (quem sabe?), o «Sociedade Cambal» — recordação de um herói nacional que também encontrou a morte nas águas da Mancha. Os homens mais uma vez eram vítimas da sua inteligência e técnica. A vida, essa vai prosseguir até ao fim dos séculos. — R. A.



Vista aérea, dando aproximativa da posição dos destroços: 1 — Cauda (sobre a ponte), reactor lateral direito e asa do mesmo lado do aparelho. 2 — Parte central da fuselagem. 3 — Lugar onde foram encontrados os primeiros socorros a muitos dos sinistrados e onde permaneceram muitos cadáveres, antes de terem sido trasladados para a capela da Misericórdia em Santa Cruz.

## ODÓRIO HOMEN DE GOUVEIA

— «DN» também de luto

Entre as vítimas da tragédia em Santa Catarina parece, infelizmente, incluir-se o sócio da Empresa do Diário de Notícias, Lda, Odório Homen de Gouveia.

A tragédia que entitou os madeirenses toca-nos, assim, directamente e é, para nós, motivo de mais profunda tristeza.

Acompanhamos, pois, neste doloroso transi, os familiares de Odório Homen de Gouveia, um homem íntegro que disfrutava da estima e do apreço dos trabalhadores deste diário.

O «Diário de Notícias» também está de luto.

## COMISSÃO DE INQUÉRITO

chega esta manhã

LISBOA, 20. — A noite de hoje, sai de Lisboa um avião que conduz uma Comissão de Inquérito, constituída por elementos da TAP e da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, e que se dirige ao Funchal para estudar os locais e as causas do acidente ocorrido com o avião da TAP. — (C.)

INFORMAÇÃO COBERTA / DOBRAS



# COMEÇOU ONTEM O CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DO FUNCHAL DO PS

Num dos salões do Casino Park Hotel começou ontem o I Congresso Regional da Federação do Funchal do Partido Socialista, que decorreu com a maior intensidade partidária.

Após a entrega de credenciais, foi eleita a Mesa do Congresso por unanimidade.

Presidiu aos trabalhos, o deputado João da Conceição secretariado pelos militantes Avelino Ferreira e Filipe Moita.

Após a abertura do Congresso, o Presidente da Mesa convidou para assento na mesma, o eng. Ferreira de Lima, Secretário de Estado da Administração Regional e local; José Jorge Góis Mendonça, Presidente da Câmara Municipal de Porto Santo, e o dr. Jorge Campinos, Ministro Sem Pasta, que chegou pouco depois do congresso ter começado.

O dr. Marcelo Curto, membro do Secretariado Nacional do PS, devido ao atraso da viagem aérea, chegou quase no fim da primeira parte dos trabalhos, iniciada na parte da manhã.

No uso da palavra, interveio em primeiro lugar Eugénio Gomes, membro do Executivo cessante para fazer um relatório das actividades do partido, desde o ano passado. Destacou ainda o trabalho feito no Porto Santo culminado com a eleição do presidente para a Câmara Municipal daquela ilha.

No fim dirigiu algumas palavras de aplauso para a Juventude Socialista ali representada por alguns jovens, que nem sempre tem sido compreendida.

O presidente da Câmara Municipal de Porto Santo usou da palavra seguidamente, destacando algumas actividades feitas naquela ilha.

### A SOCIEDADE MAIS JUSTA NÃO É UMA UTOPIA

Falou, depois, Monteiro de Aguiar, deputado à Assembleia da República, para fazer várias considerações sobre a Constituição da República e sobre a Autonomia ali consagrada. Criticou depois as insinuações que se fazem contra os órgãos de soberania regional e os que dizem que é inútil a presença dos partidos na Sociedade,

acrescentando que é fácil confundir as responsabilidades para esconder a falta de competência. Continuando o seu discurso, Monteiro de Aguiar disse ainda que é muito difícil a aprendizagem da democracia para aqueles que bebem na cisterna do anterior regime, tudo aquilo que não sabem.

Terminou destacando várias iniciativas legislativas produzidas na Assembleia da República e o apoio dado pelo Governo Central para o desenvolvimento e bem estar do povo português. No fim disse que a sociedade mais justa e igual não é uma utopia.

### O DESAFIO ESTÁ FEITO. VE, REMOS SE A OPOSIÇÃO TEM CORAGEM DE ASSUMIR AS SUAS RESPONSABILIDADES

A encerrar a primeira parte do I Congresso Regional da Federa-

ção do Funchal do Partido Socialista, proferiu um importante discurso, o eng. Ferreira de Lima, Secretário de Estado da Administração Regional e Local e dirigente nacional do PS.

Depois de saudar os congressistas presentes e dizer que se sentia como em casa, desta vez o papel difícil dos socialistas na Madeira e acrescentou que este Congresso se realizava num momento político muito especial que o País atravessa. Após referir o documento apresentado pelo Primeiro Ministro na Assembleia da República aos Partidos da Oposição, destacou vários aspectos económicos e sociais do País.

Continuando o seu discurso, disse que o Governo de responsabilidade do Partido Socialista estará no Governo enquanto o povo o quiser e enquanto houver a confiança da Assembleia da República e concretizou: ou são dadas condições mínimas para o Governo poder governar ou passaremos à oposição. O desafio está feito. Viremos se a oposição tem a cor-

gem de assumir as suas responsabilidades.

### ACABAR COM A COLONIZAÇÃO DAS REGIÕES AUTÓNOMAS

Ferreira de Lima, continuando as suas palavras, disse que o Partido Socialista sempre compeira a colonização das Regiões Autónomas feita pelo anterior regime e que embora pretendendo conceder-lhe a mais ampla autonomia, dentro do quadro constitucional e do Governo estava apreensivo pela incapacidade manifesta dos Governos Regionais em resolverem os problemas locais e perguntou se os madeirenses já obtiveram resultados palpáveis da acção governativa regional.

### NEM O GOVERNO NEM O PARTIDO ABDICARÃO DAS SUAS RESPONSABILIDADES

Depois de criticar a não reorientação do Governo Regional no prazo anunciado, acrescentou que as pessoas perderam a confiança no mesmo e referindo-se ao dr. Sá Carneiro, ex-presidente do PSD/PSD, disse: — «Rejeitaremos as Kaulas de Arraiga tanto da direita como da esquerda». Finalmente destacou que os Governos das Regiões Autónomas

tem todo o apoio do Governo Central mas que devem organizar-se melhor e ser mais competentes, pois era esse o desejo de todos os socialistas. No fim disse que nem o Governo nem o Partido Socialista abdicarão das suas responsabilidades em relação às Regiões Autónomas.

### 2.ª PARTE DOS TRABALHOS

Pelas 15 horas e na sede da Federação do PS, continuaram os trabalhos do congresso com reunião de várias comissões ligadas aos Núcleos, Secções e Federações; Trabalho e Sindicalismo; Actividades locais; Informação, Acção Cultural e Esportes e Política Social e Económica Regional, para apreciação das várias moções apresentadas.

### SESSÃO DE ENCERRAMENTO

Hoje, o I Congresso Regional da Federação do Funchal do Partido Socialista continua no Casino Park Hotel, com a leitura, discussão e aprovação das moções vindas das comissões. À tarde, será eleita a Comissão da Federação e a Comissão de Conflicto.

A sessão de encerramento começará às 17 horas.

# NO CONTINENTE JORNAIS DIÁRIOS AUMENTAM PARA 7\$50

LISBOA, 19 — Foi finalmente autorizado em Conselho de Ministros o aumento de preço dos jornais diários para 7\$50, embora só com efeitos a partir da data da publicação no «Diário da República» de um despacho conjunto do ministro das Finanças e do secretário de Estado da Comunicação Social.

Prevê-se que Medina Carreira assinou o despacho num destes próximos dias, e que seja ainda de Roque Lino a assinatura como S. E. C. S., já que o documento em questão terá sido um dos seus últimos actos antes do pedido de demissão.

Este novo preço, negociado já de algum tempo, a esta parte, é devido ao agravamento de custos que ultimamente se tem feito sentir, sem que qualquer apoio generalizado à imprensa veja a luz do dia, tal como repetidamente tem sido prometido pelo Governo.

— vide o célebre discurso de Fevereiro de Manuel Alegre — Bem pelo contrário, o que a imprensa tem sofrido, é aumentos de custos quer da parte de fornecedores quer da parte do próprio Estado ou de entidades públicas o último dos quais foi a decisão unilateral da CP em revo- gar os acordos existentes no sentido de transportar gratuitamente os jornais e o retorno das sobras a troco de publicidade. Esta medida, a pôr em prática a

partir de 1 de Janeiro próximo, foi imediatamente repudiada e considerada como um atentado à liberdade de imprensa, pelas Associações de Imprensa Diária e Não Diária junto da CP, tentando agora, as mesmas entidades, obter uma entrevista com o primeiro-ministro, no sentido de lhes expor a situação geral de crise no sector e aquela decisão da CP em particular. Soubemos, entretanto, que já está pronta uma proposta de lei do Governo a submeter à Assembleia da República sobre a concessão à imprensa política de expansão nacional de um subsídio de 20% sobre o preço do custo de papel de jornal. Este subsídio já fora concedido por decreto, mas este foi considerado ferido de inconstitucionalidade orgânica pelo Conselho da Revolução; julgou-se ainda que igual decisão irá cair sobre o decreto do esporte pago (em vigor há cerca de um ano) que está em apreciação no mesmo órgão de soberania.



No decorrer do Congresso da Federação Distrital do PS.

**nacional**

**PROMOÇÕES NA ARMADA GERAM MAL-ESTAR**

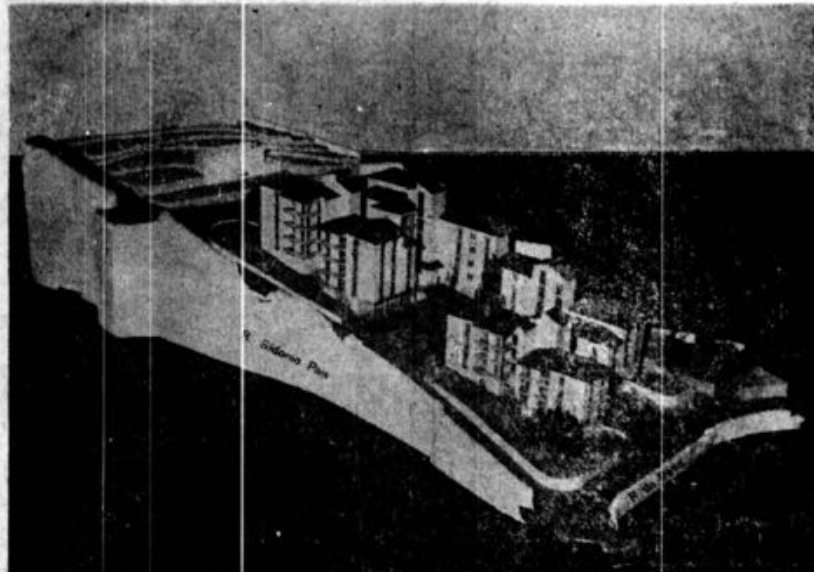

LISBOA, 19 — O parecer emitido pelo Conselho de Promoções da Armada (seito o ano passado) recomendando a promoção ao posto de capitão de mar-e-guerra de quatro capitães de fragata, passando por cima de mais de duas dezenas de oficiais mais antigos, poderá levar estes últimos a requererem a passagem à reserva como forma de protesto — segundo afirmou ao «Expresso» fonte bem informada.

Deverão assim, ser promovidos ao posto imediato os capitães de fragata Sousa Campos, comandante do corpo de fuzileiros, Alves Sarmeto antigo elemento da casa militar de Spínola — actualmente no EJA a frequentar um curso da NATO — Almeida e Costa, conselheiro da Revolução, e o comandante Consolado, responsável pelo departamento de pessoal da Armada.

Na sequência desses protestos os oficiais que se sentem lesados têm manifestado a determinação — embora ainda não o tenham feito oficialmente — de pedir a passagem à reserva, caso o Conselho de Promoções persista em manter a proposta em questão.

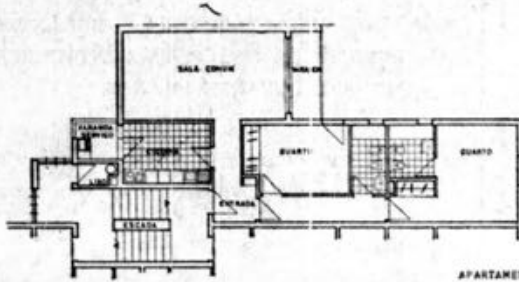

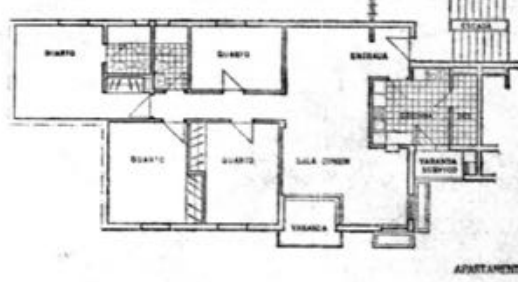
## AFONSO & FABRÍCIO RODRIGUES, LDA.

### CONJUNTO HABITACIONAL EM CONSTRUÇÃO À RUA SIDÓNIO PAIS E RUA DA PENA FUNCHAL

**INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:**

À RUA DO BOM JESUS, 14-1.º esq.  
Das 9 às 12 horas e das 15 às 18 horas  
Telef. 32336

APARTAMENTO TIPO 1      APARTAMENTO TIPO 2      APARTAMENTO TIPO 3

ORIGINAL COM DESFOCAGEM

TINTA REPASSADA  
Bleed Through

A2  
B3  
A3  
B4  
A4  
B5  
A5  
A4  
B4  
A3  
B3

# APÓS O TERMO DE «GABRIELA» Série francesa substitui telenovela brasileira

Com a morte do coronel Ramiro, o julgamento do compadre Jesuino e a subida ao poder do dr. Mundinho, a telenovela adaptada da célebre obra de Jorge Amado, «Gabriela, Cravo e Canela», atingiu o seu termo nos «ecrãs» da RTP em Lisboa. Todo o País televisivo lamenta que o fim do popular folhetim tenha chegado quando menos se esperava e há mesmo quem proteste, porque foram anunciados 160 capítulos e, afinal, a Televisão projectou apenas 130. No entanto, parece que não existe margem para dúvidas quanto ao número de episódios: a TV Globo confirmou, a pedido da RTP, que a estação portuguesa exibiu «Gabriela» na sua totalidade, pôdo assim ponto final na questão. A partir de segunda-feira, e em substituição da telenovela brasileira, os telespectadores poderão assistir ao primeiro episódio da série francesa «Caminhos Difíceis».

Entretanto, hoje e amanhã, o período deixado em aberto pela telenovela será preenchido por dois programas especiais de «Tropicália», que incluem reportagens e entrevistas de aspectos curiosos relacionados com a preparação e a rodagem de «Gabriela» e ainda apontamentos sobre o seu evidente êxito.

No programa previsto para logo à noite, o realizador de «Tropicália» entrevistará, nomeadamente, Jorge Amado, os responsáveis da TV Globo, director, intérpretes e técnicos de «Gabriela», além de revelar histórias ainda desconhecidas do público, ocorridas durante a rodagem da fita.

A edição de amanhã inclui, por seu turno, apontamentos nos quais se recorda o êxito popular que constituiu «Gabriela» e entrevistas com os responsáveis por este sucesso que teve um fim no seu epílogo.

**«Notícias e boatos»**  
A propósito de notícias e boatos postos a circular e ainda de informações veiculadas por alguns jornais da tarde, segundo as quais teriam sido cortados 30 episódios ao programa «Gabriela» a RTP veio ontem, à noite, esclarecer o público através de um comunicado, que aquela afirmação é totalmente falsa.

«A verdade é que — diz o comunicado — já desde Novembro de 1976, altura em que foi assinado, com a TV Globo, o contrato para a exibição de «Gabriela» em Portugal, se previu a apresentação desta obra de Jorge Amado na sua totalidade, portanto, sem quaisquer adaptações, modificações ou cortes».

Para reforçar o seu comunicado, a RTP sublinhou, ontem, à tarde, via telex, à TV Globo, a confirmação do número de episódios de «Gabriela». Na resposta, que milhões de telespectadores tiveram oportunidade de ler através dos pequenos ecrãs, a estação brasileira confirma que a RTP exibiu «Gabriela» na sua totalidade, isto é, 130 capítulos, exactamente como foi produzida pela rede Globo e transmitida no Brasil.

No entanto, o «Diário de Lisboa», na sua edição de ontem, dizia que «segundo informação colhida directamente no Brasil, a já célebre telenovela tem mais 30 episódios dos que a TV portuguesa transmitiu». Sobre este aspecto, a RTP esclareceu que, embora no Brasil o número de episódios exibidos fosse 160, a Televisão portuguesa só recebeu 130, devido a uma condenação do folhetim, de que se encarregou a própria TV Globo, sem adular o espírito e a acção da fita e respeitando o seu conteúdo.

**Nova série**  
Para substituir «Gabriela», a RTP começa a apresentar, na próxima segunda-feira, pelas 20 e 35, a série francesa «Caminhos Difíceis».

Produzida por Office Central du Cinéma e Télévision, esta série de 13 episódios mostra no início da história, uma operação da resistência francesa, em 1944, durante a qual quatro amigos tentam bombardear uma ponte e abater um general do exército alemão.

Nos capítulos seguintes anuncia-se o aparecimento de um francês que agarda há dois anos licença para construir uma cidade. Face à recusa de um dos quatro amigos, Pierre Fargeau, o projectista, aborda um indivíduo que lhe garante a concessão da licença, mas pede-lhe em contrapartida, o exclusivo da venda de apartamentos na projectada cidade.

Entretanto, Sofia, filha de Fargeau, foge de casa e refugia-se na residência de um amigo do pai para reflectir sobre o vazio da sua vida.

Esta série conta com conhecidos autores das telenovelas francesas, como André Vialuy (Pierre Fargeau), Paul Le Person (o juiz), Brigitte Levasseur (Sophie) e Jacques Dynam (Fontany).

**CASA DOS ÓCULOS**  
ÓPTICA MÉDICA  
RUA DO CARMO, N.º 2.C e 24.D  
TELEFONE 29468 V198

**Comissão Fabriqueira da Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus, no Funchal**

**Base de Licitação 3 155 516380**  
Depósito provisório 78 888500

**Depósito definitivo será de 5% do valor da adjudicação.**  
Podem concorrer todos os indivíduos inscritos como empreiteiros de obras públicas na I categoria e classe respeitante ao valor da proposta apresentada.

**Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter sido efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências e delegações o depósito provisório exigido, ou, na falta deste, garantia bancária.**

**As propostas deverão ser entregadas pelo Correio sob registo, ao Presidente da Comissão Fabriqueira, por forma a serem recebidas até a hora anunciada para a realização do concurso.**

**Comissão Fabriqueira da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em 6 de Novembro de 1977.**

**O Presidente, Gabriel Azeiteiro de Sá**

**Madeira-Sheraton Hotel**  
SHERATON HOTELS AND MOTOR INNS, A WORLDWIDE SERVICE OF ITC FUNCHAL, MADEIRA ISLANDS

**O NOSSO GRILL-ROOM ENCONTRA-SE ENCERRADO HOJE AO PÚBLICO POR MOTIVO DA FESTA DO PESSOAL.**

**PELO MESMO MOTIVO O P U B ENCERRARÁ A PARTIR DAS 20 HORAS**

TELEF. 26104-26105

**carpres MÓVEIS-DECORAÇÕES**  
RUA DR. FERNAO ORNELAS 56-A 56-B

**apresenta a nova linha de mobiliário modulado**

**LUPAL**

**ADÁGIO AFRODITE**  
**SANDOKAN MINERVA**

mobiliário para quarto  
feito de madeira exótica

mobiliário para gente nova  
móvel por elementos de concepção inteligente

**A maior exposição de mobiliário na Madeira**  
Visite o 1.º andar

**A.N.T.R.A.L.**  
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS TRANSPORTADORES RODOVIÁRIOS EM AUTOMÓVEIS LIGEIROS  
(Delegação Autónoma da Madeira)

Convocam-se todos os Sócios Industriais de Transportes em Automóveis Ligeiros, Táxis e Leira A, para uma Assembleia Geral, a realizar-se no ATENEU COMERCIAL, Rua dos Netos, 42-48 no próximo dia 22 de Novembro, pelas 19 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

**IMOVEIS**  
— N.º 1 —  
Predio colonizado por diversos no sítio do Pê do Lazado ou Meia Légua, Pajá da Ribeira, na freguesia da Ribeira Brava, a confundir a Norte com a Ribeira, Sul com Manuel José Balbino e Outros, Leste com José Abreu Caneca e Oeste com a Estrada Distrital, Tem cerca de 9.500m2. Está inscrito na matriz predial sob o art.º 2.262. Vai à praça pelo valor de SESENTA E OITO MIL SEIS CENTOS E QUARENTA ESCUDOS.

— N.º 2 —  
Predio rústico no mesmo sítio e freguesia, igualmente colonizado por diversos, a confundir a Norte com o Ribeiro da Camacha, Sul com outro Ribeiro, Leste com a Estrada Distrital e Oeste com a Beira da Rocha. Tem cerca de 1.000m2. Está inscrito na matriz predial sob o art.º 2.317. Vai à praça pelo valor de VINTE E QUATRO MIL SEISCENTOS E OITENTA ESCUDOS.

**Produções Radiofónicas ALFER**  
Posto Emissor de Radiodifusão do Funchal

Anunciam para 2.ª de 21 e início da transmissão de dois espaços radiofónicos:

«A BICA» — de segunda a sábado no horário das 14:00 — 15:00 horas.

«LINHA ABERTA» — de segunda a sexta no horário das 23:00 — 24:00 horas.

NAO SERAO DOIS PROGRAMAS DIFERENTES! Em «LINHA ABERTA» poderá expôr o seu ponto de vista sobre problemas de interesse público. O Fimancio: AUTONOMIA UMA PROMESSA CUMPRIDA? K439

**requinte e conforto no seu lar!**

**MÓVEIS ESTOFOS CORTINADOS DECORAÇÕES**

**a estofadora**

Exposição-R. Fernão Ornelas, 21 Tel. 22813 FUNCHAL  
Fabrica propria-R. Seminário, 10

**TERRENO COMPRA-SE**  
Arredores do Caminho do Lazareto e Rua dos Louros, área apr. estimada 1.500 m2. Resposta ao n.º X171 ou telefone 20177.

**O MARÍTIMO NA LUZ**  
Hoje a partir das 14.45 horas, no Posto Emissor do Funchal, o relato do encontro BENFICA-MARTIMU. Um exclusivo CIGARROS MAGOS. Uma realização de Joaquim Santos. K440

**VALORIZE A MADEIRA E GARANTA O SEU CAPITAL**

**COMPRE UM MODERNO APARTAMENTO NO FUNCHAL**

**INVESTIMENTO MAIS FERIAS**

Complexo Turístico FLORASOL dispendo de piscinas, centro comercial, jardins e estacionamento.

Em regime de propriedade horizontal.

Amplas vistas sobre o mar e as montanhas. (NA ZONA DO ALTO LIDO)

CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA EMIGRANTES  
ISENÇÃO DA SISA E DA CONTRIBUIÇÃO PREDIAL DURANTE 10 ANOS.

**AVISO**  
SE FEZER UM CONTACTO URGENTE AINDA PODE ADQUIRIR, GARANTINDO O CAPITAL DO SEU INVESTIMENTO, OS POUCOS APARTAMENTOS QUE RESTAM PARA VENDA

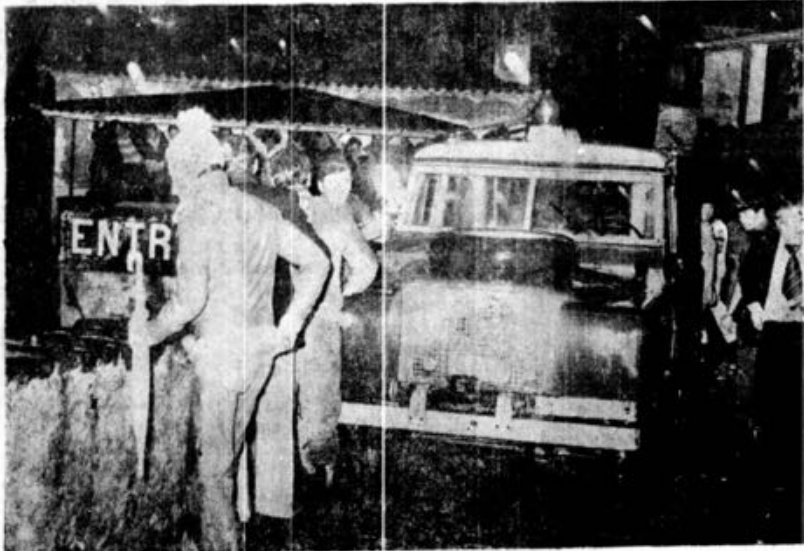
Peça informações sem compromisso a:  
JORGE DE ABREU — Rua João Távira, 31-1./Sala 7  
TELEF. 32241 K455







# TRAGÉDIA NO AEROPORTO DE SANTA CATARINA



Sob a chuva que fustigava, os populares acotovelavam-se para assistir às operações de socorros. Atrapalhando a acção dos bombeiros e equipas de assistência médica.

## APÓS AUGUSTIANTE EXPECTATIVA MÃE QUE REENCONTRA O FILHO NO HOSPITAL

Na sequência desta tragédia que enlutou a Madeira, surgiram cenas profundamente comovidas, daquelas que fazem arrepia e trazem as lágrimas aos olhos mesmo dos espíritos menos sensíveis.

Uma destas cenas passou-se no Hospital Distrital. Dando a sua colaboração no transporte de feridos, como cidadão consciente e responsável, o sr. Juvenal Cardoso transportou para o hospital uma criança de cerca de cinco anos que fora recolhida dentro os destroços calcinados do avião sinistrado. Vinha aparentemente em estado de choque, mas com vida.

A entrada da criança no hospital, uma senhora ferida, por entre as dores que a atormentavam, reconheceu o filho querido. Foi uma alegria intransferível que amenizou um pouco o sofrimento dessa mãe. Uma mãe que sofria igualmente a expectativa angustiante de não saber o destino de seu filho.

Uma cena que permanecerá indelével na sensibilidade de quantos a ela assistiram.



Cobertos por lençóis, na capela da Misericórdia de Santa Cruz, os primeiros sete corpos sem vida que ali deram entrada. Mais tarde, quando recebemos a última comunicação (antes de encerrarmos os nossos serviços) já ali haviam dado entrada 56 cadáveres (20 de mulheres, 21 de homens, 2 de crianças e 13 irreconhecíveis).



As ambulâncias eram poucas para transportar feridos. Daí o transporte dos cadáveres, por vezes, em veículos como este, que aqui vemos, junto à capela da Misericórdia de Santa Cruz, transformada em morgue.

## Palavras do Dr. Nélcio Mendonça

Inquirido pela nossa Reportagem, em Santa Cruz, acerca da tragédia que ali se consumara, o dr. Nélcio Ferraz Mendonça, secretário regional para a Saúde e Assuntos Sociais, dir-nos-ia:

— São desastres que acontecem por vezes e que temos de aceitar.

Sobre a organização de socorros, acrescentaria:

— Considerei que o Hospital Distrital garantiu o maior apoio, nada faltando, quer na parte de assistência, quer na parte medicamentosa.

«Efectivamente, compareceu a maior parte, não a totalidade das equipas médicas, além de vários doadores de sangue que, numa hora como esta, nunca são de mais.»

Reportando-se ao local do sinistro:

— Já aqui verifiquei a boa vontade dos bombeiros, da Polícia e dos populares.

## IMPRESSÕES DE D. FRANCISCO SANTANA

O prelado da Diocese, D. Francisco Antunes Santana, também compareceu no local do sinistro, procurando amenizar o sofrimento das vítimas da tragédia.

Instado a emitir uma breve opinião sobre o infeliz acontecimento, D. Francisco Santana, ainda comovido com o quadro de dor que lhe era dado observar, disse-nos:

— Isto, infelizmente, acontece em qualquer aeroporto, mas neste caso tem um impacto maior, porque o nosso aeroporto é pequeno.

## INCRÍVEL!

A desventura de uns não é sentida por todos da mesma maneira. Daí ver que enquanto bombeiros, médicos, enfermeiros e populares lutam por salvar a vida aos corpos lançados no escahuo, oportunistas, inqualificáveis procuram entre os destroços os haveres dos infortunados.

Há quem não se contente com uma insignificante pequena parte da fuselagem e roube — é o termo — malas e utensílios pessoais das vítimas.

Aproveitar-se da concentração das autoridades na sua missão de salvamento para roubar é inícuo. Mas, não saber que há indivíduos assim, sem sentimentos.



## REPORTAGEM

Para que a nossa edição de hoje apresentasse o serviço patente aos leitores, necessário foi que se processasse uma mobilização geral dos quadros redactoriais, gráficos e fotográficos de «DN», aos quais se juntaram alguns dos nossos mais estreitos colaboradores do dia-a-dia.

Durante toda a noite, quer em reportagem de exterior, quer em serviço de compilação de elementos, houve um esforço conjunto dos nossos quadros. O que sempre tem acontecido, quando os acontecimentos o justificam.

Esse espírito voluntarioso proporcionou apresentarmos, em desenvolvimento, como aqui fica patente, a reportagem sobre o sinistro do avião da TAP. Colaboraram neste trabalho de equipa:

- REDACTORES**  
 Sílvio Silva  
 Luís Jardim  
 Dinis Alves  
 Catanho Fernandes  
 Tolentino Nóbrega  
 Rui Silva  
 José Reis
- FOTÓGRAFOS**  
 Agostinho Spínola  
 Catanho Fernandes
- COLABORADORES**  
 Braulio França  
 Sílonio Fernandes (texto)  
 Maurício Fernandes (Desenho-reconstituição)  
 João Pestana (Fotografias)
- Registamos também a amável colaboração da agência noticiosa (ANOP).



LUIS JUSTINO HENRIQUES DE FREITAS — O conhecido automobilista madeirense, no número das vítimas que não sobreviveram ao terrível sinistro de ontem

## DR. RUI NEPOMUCENO NÃO VIAJAVIA NO AVIÃO ACIDENTADO

Ao contrário do que chegou a contar na nossa cidade, o dr. Rui Nepomuceno não se encontrava, felizmente, entre os passageiros que tomaram o avião «Sacadura Cabral», embora chegasse a estar inscrito na lista de embarque.

Afazerem de última hora levaram aquele advogado a adiar a sua partida para o voo seguinte, encontrando-se presentemente no Porto Santo, onde aterrou o avião em que viajava.

## MINISTRO DOS TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES ORDENOU A ABERTURA DE UM INQUÉRITO AS CAUSAS DO ACIDENTE

— REFERE UM COMUNICADO DA TAP

LISBOA, 20. — É do seguinte teor o comunicado da transportadora aérea nacional e divulgado há momentos, sobre o acidente de avião no Funchal:

«A TAP lamenta informar que um dos seus aviões, tendo a bordo 156 passageiros, sofreu um grave acidente após a aterragem no aeroporto do Funchal, no dia 19 de Novembro, pelas 21.36, hora local.

Trata-se de um avião «Boeing-727» que operava o voo TP425, procedente de Bruxelas, com escala em Lisboa.

Segundo informações telefónicas recebidas do Funchal, deram entrada até agora no Hospital Distrital do Funchal 56 sobreviventes dos quais três apresentam certa gravidade.

Segue esta manhã no primeiro voo para o Funchal, uma Comissão de Inquérito a fim de averiguar as causas do acidente. O ministro dos Transportes e Comunicações Rui Vilas, ordenou a abertura de um inquérito sobre as causas do acidente, pelo que deve seguir ao princípio da manhã de hoje no primeiro voo regular (06.45 horas t.m.g.), a comissão encarregada das averiguações.» — (Anop)



QUADRO MACABRO — sugestão de uma «Guernica» que teve por palco a Madeira. Corpos em posições grotescas, alguns exalando os últimos fios de vida. O sinistro aconteceu poucos minutos antes.

## EM HORA DE COMOÇÃO A CRUEZA DA REALIDADE

O desastre de aviação que ontem sucedeu enlutou a Madeira. É evidente que a contingência é lei do mundo.

Porém, há que considerar os factores que podem conduzir ao risco: neles estão inerentes o homem e a máquina. A máquina e o espaço. A este acontecimento que encheu de tristeza o coração dos madeirenses, não pode estar alheio o reduzido espaço da pista do nosso aeroporto.

Por isso, hoje mais do que nunca, com a profunda comoção que sentimos, clamamos ao Governo o urgente prolongamento da pista.

## ÚLTIMA HORA (ÀS 05,00 HORAS)

# 123 MORTOS NA TRAGÉDIA 39 FERIDOS INTERNADOS NO HOSPITAL DISTRIAL DO FUNCHAL

Não obstante os incansáveis esforços de todas as equipas de socorro, há a lamentar a morte de 117 passageiros e seis tripulantes do avião sinistrado em Santa Catarina.

Este número apresentamos sob compreensíveis reservas, pois foi por nós deduzido entre o número de pessoas embarcadas e o de feridos internados no Hospital Distrital do Funchal, que são 39.

A seguir publicamos alguns elementos de identificação dos sinistrados, que nos foram facultados pelo Serviço de Urgência do Hospital:

- Guy Lebranc
- Jorge David Ferreira da Silva
- Maria Lurdes Pimenta Silva
- Feliciano Oliveira Menezes
- Maria José Silva Alcântara
- Carlos Jorge (futebolista do Barreirense)
- Andrade Nóbrega
- José Manuel Coelho
- João Bartolomeu de Sousa
- Van Victor Nicks
- Maria de Lurdes Fernandes Agrela Ferreira
- Mrs. Rempeter
- José Luis Garcia
- Jorge David Silva
- Dr. Ricardo Torquato Magalhães (médico policlínico no Funchal)
- Avelino Nunes Ferreira
- José Manuel Torres Freitas
- Maria Alice Basto Vieira

## DEZ MORTOS NO HOSPITAL

Entretanto, às 5 horas de hoje, encontravam-se depositados no morgue do Hospital Distrital, dez cadáveres de acidentados do desastre aéreo. Identificados, apenas cinco, que são:

- Dr. Carlos Pereira (médico, natural de Câmara de Lobos)
- Christophe Joseph Monjoie e esposa
- Alvaro José de Sousa, natural de Moncorvo
- Ivonne Verikomen (belga)

INFORMAÇÃO COBERTA / DOBRAS





A2

B3

A3

B4

A4

B5

A5

DOCUMENTO RASCADO  
Tom Document

A5

B5

A4

B4

A3

B3

Cine Jardim Cinema João Jardim

AS 18 HORAS  
Karate e artes marciais  
**O HOMEM DE FERRO**  
AS 20.45 HORAS  
Suspense e aventura  
**SERPENTE DE OURO**  
**FLESH GORDON**

AS 13.30 HORAS  
Aventura e artes marciais  
**ROBINSON CRUSOE**  
**O HOMEM DE FERRO**  
AS 17.15 HORAS  
Amor... Aventura... Sexo!  
**FÉRIAS ENCANTADORAS**  
**FLESH GORDON**  
AS 21 HORAS  
**FÉRIAS ENCANTADORAS**  
**O HOMEM DE FERRO**

AMANHÃ — SEGUNDA-FEIRA

AS 18 HORAS  
**ROBINSON CRUSOE**  
AS 20.45 HORAS  
**ROBINSON CRUSOE**  
**O HOMEM DE FERRO**  
K436

AS 13.30 HORAS  
**ROBINSON CRUSOE**  
**O HOMEM DE FERRO**  
AS 17.15 HORAS  
Sexo e Kung-Fu  
**FÉRIAS ENCANTADORAS**  
**O HOMEM DE FERRO**  
AS 21 HORAS  
**FÉRIAS ENCANTADORAS**  
**FLESH GORDON**  
K437

**interior**

ACABOU DE RECEBER  
GRANDE VARIEDADE  
DE SOFÁ-CAMA  
EM VELUDO



com facilidades de pagamento  
RUA DA CARREIRA, 114-116  
K434

**Costa Armatori S.P.A. — GENOVA**

**Para VENEZUELA**

O Transatlântico

**«FEDERICO C»**

A 25 DE NOVEMBRO  
6 dias de viagem

Dispondo ainda de alguns lugares  
Para passagens e informações trata: com:  
**«AGÊNCIA FERRAZ»**  
Joaquim M. Ferraz Simões  
Avenida de Zarco, 2.A — Telefones: 21740 e 20652

**NOTA PASTORAL**

Estamos todos de luto, perante a tragédia que ontem sucedeu no aeroporto de Santa Catarina. Várias famílias madeirenses e de turistas estrangeiros hoje choram os seus familiares.  
Convindo todos os diocesanos a elevarm até Deus o sufrágio por nossos queridos mortos e que salvem os feridos que sofrem nas camas do Hospital.  
Estive no local do acidente, visitei os feridos no Hospital e acompanhei os mortos piedosamente depositados na capela da Misericórdia de Santa Cruz.  
Os médicos, enfermeiros e bombeiros e vários populares foram até ao auge das suas forças físicas para salvar os passageiros do avião sinistrado. Louvemos o seu esforço e total dedicação.  
Rezemos, na humildade das nossas almas, ao Senhor da Vida.  
Funchal, 20 de Novembro de 1977.  
† Francisco, Bispo do Funchal

**NO HOSPITAL DISTRITAL  
FAZENDO O IMPOSSÍVEL  
PARA SALVAR VIDAS**

No Hospital Distrital a azáfama era, obviamente, imensa.  
Junto da entrada para o «Banco de Urgência» aglomeravam-se dezenas de pessoas dançando satisfação a uma curiosidade quase mórbida de ver chegar os feridos.  
Carros particulares e ambulâncias chegavam constantemente, transportando sobreviventes da tragédia.  
A entrada, médicos, enfermeiros e outro pessoal, lutavam contra o tempo, ministrando os primeiros socorros áqueles que chegavam ainda com vida, os quais eram depois levados para o «Banco».  
No átrio, algumas pessoas num estado de desespero evidente aguardavam mais sobreviventes na expectativa de verem familiares que viajavam no avião sinistrado.  
Uma senhora chorava pelo marido que ainda não chegara. Um casal que estivera no Aeroporto aguardando a vinda de uma neta esperava ansiosamente vê-la entre os corpos que era transportados para o interior do Hospital. Ele afirmava-nos: «Vimos o avião tocar com as rodas traseiras no rio da praia».

ta, em frente à gare; depois tocou com a roda da frente mas continuou com muita velocidade e saiu da pista. Não ouvimos um grande estrondo; vimos apenas um clarão.  
Entretanto, iam chegando mais carros. A maioria das pessoas parecia ainda ter vida, embora fossem visíveis os sinais de queimaduras e ferimentos diversos.  
Numa porta contigua à do «Banco» formava-se uma fila de pessoas para dar sangue, colaboradores anónimos na tarefa árdua que se desen-

**PESQUISAS NO MAR  
RECOLHIDOS 6 MORTOS**

O patrulha «Cassinos», da Marinha de Guerra Portuguesa, colaborou, na noite de ontem, nas pesquisas em mar, para encontrar sobreviventes ou mortos do avião destruído.  
A bordo daquele patrulha seriam recolhidos 6 mortos e nenhum sobrevivente.  
Pelo facto dos mergulhadores voluntários da nossa Marinha de Guerra não terem podido actuar ontem, às 23.30 horas, devido ao estado do mar, essa operação de pesquisa submarina será efectuada hoje, na zona marítima fronteiriça ao local do acidente, para onde parte um dos patrulhas surtos no nosso porto, pelas 7 horas.



DR. CARLOS PEREIRA — O médico madeirense contactado entre o número dos mortos. Sua esposa e um filho, que o acompanhavam, também pereceram no acidente.

**Bombeiro vítima  
de intoxicação**

Vítima de intoxicação deu entrada no Hospital Distrital do Funchal, durante esta madrugada, o bombeiro dos Municipais, José Carlos de Freitas.  
Segundo informações colhidas no próprio hospital, a intoxicação ficou a dever-se a gases expelidos pelo gerador eléctrico de que aquele homem da paz estava encarregado. Os gases teriam invadido a cabina do automóvel onde se encontrava o José Carlos de Freitas recolhido da chuva torrencial que caiu.



JOÃO BARTOLOMEU DE SOUSA — retirado com vida dos destroços.

**Últimas notícias  
sobre a tragédia**

As quatro horas da madrugada encontravam-se depositados na capela da Misericórdia, em Santa Cruz, os cadáveres de 20 mulheres, 21 homens e 1 criança.  
Entretanto foram retirados dos destroços outros 13 cadáveres irreconhecíveis que se encontram depositados no cemitério paroquial de Santa Cruz, devido à capela se encontrar superlotada.

EM 5 DE MARÇO DE 1973

**AVIÃO DA «IBÉRIA»  
DESPENHOU-SE NO MAR PRÓXIMO DO PORTO NOVO**

Na madrugada do dia 5 de Março de 1973, ocorreu o primeiro desastre de aviação na Madeira.  
Em 00.30 horas, um avião «Caravelle» da companhia espanhola Ibéria, despenhou-se no mar, próximo do Porto Novo, quando efectua a aproximação para aterrar no aeroporto do Funchal.  
O aparelho espanhol trazia uma tripulação constituída por três elementos e vinha a esta ilha buscar os passageiros de um outro avião da mesma companhia que se encontrava estacionado no aeroporto de Santa Catarina, com avaria no

tem de aterragem.  
O «Caravelle» que procedia de Madrid manteve contacto com a torre do aeroporto e fora-lhe dada autorização para aterrar às 00.35.  
Posteriormente, diversas pessoas viram a aeronave da Ibéria passar rente ao solo no sentido Leste-Oeste para, depois, desaparecer.  
Entretanto as comunicações, cerca das 00.43, foram interrompidas definitivamente, calculando-se que o aparelho



Imagem patética de uma tragédia: populares retirando uma das vítimas que jazia inerte sobre os calhaus. À direita vê-se uma boneca. A sua dona, uma pequenita cheia de sonhos cor-de-rosa dela se separaria para sempre.

**Eng. Ornelas Camacho  
UMA TRAGÉDIA INDESCRITÍVEL**

Logo que soube do desastre ocorrido com o avião da TAP, o chefe do Governo Regional deslocou-se ao aeroporto de Santa Catarina, a fim de se inteirar da extensão da tragédia e tomar as providências que fossem necessárias.

Cerca das 03.30 horas da madrugada de hoje, enfeitado pelo Emissor Regional da RDP, o eng. Ornelas Camacho com a voz embargada pela emoção, disse que era uma tragédia indescritível como jamais se verificara na Madeira. Recordou, depois, a cena trágica dos cadáveres na praia de Santa Cruz, ali junto ao ribeiro.  
E prosseguiu: «Estive em Santa Cruz, os mortos estavam a ser depositados na capela da Misericórdia e, segundo as indicações que temos, estão internados algumas dezenas de feridos no hospital».

Diria ainda o eng. Ornelas Camacho que a secretária do eng. Manuel Alegria viajara no avião sinistrado e era natural que o próprio secretário regional para a Agricultura e Pecuária também viesse no mesmo aparelho, embora não houvesse ainda qualquer confirmação.

Disse também o chefe do Governo Regional que tinha chegado ao seu conhecimento que outros pilotos conhecidos vinham no mesmo avião, citando nomeadamente o sr. Luis Ribeiro e a esposa do administrador de Hospital, D. Vitor Fonseca, e Odório Homem de Gouveia, embora não soubesse ainda o que lhes acontecera.

**SECRETÁRIO DE ESTADO DO TURISMO  
ENVIA MENSAGEM DE SOLIDARIEDADE  
AO POVO MADEIRENSE**

LISBOA, 20. — O secretário de Estado do Turismo, Luis Filipe Madeira, enviou uma mensagem de solidariedade ao povo madeirense, dirigida por intermédio do ministro de República para a Região Autónoma da Madeira e do presidente da Assembleia Regional, cujo texto é do seguinte teor:  
«Tendo tido conhecimento do trágico acidente ontem à noite ocorrido com um avião dos Transportes Aéreos Portugueses, ao aterrar no aeroporto do Funchal, apresento a V. Exas. a expressão da minha total solidariedade para com o povo madeirense, face ao sinistro que atingiu todos nós»  
— (Anop)

**A TRIPULAÇÃO  
DO AVIÃO SINISTRADO**

A tripulação do avião sinistrado era constituída pelos seguintes elementos:

- comandante João Costa;
- operador de sistemas José Encarnação;
- chefe de cabines Pavela;
- assistentes de bordo Paiva, Carlos João, Alice e Varela Cid.

De referir que, por motivos que não foram possíveis apurar, o assistente de bordo Paiva embarcou a substituir o seu colega Wellington.  
Entretanto, viria a confirmar-se que haviam sido feridos do desastre os assistentes de bordo Maria Alice Basto Vieira e José Paiva Marques da Silveira.



Nesta azáfama de destroços era para não mais afectar, dentro do porto, entre eles. Era quase que...  
Uma vez mais, popula...

**MORTOS NA CAPELA  
DA MISERICÓRDIA**

Sob a orientação do Sr. Bispo do Funchal acompanha a actividade dos enfermeiros, médicos e bombeiros na remoção dos passageiros com possíveis sinais de vida. Para evitar sobre carga de serviço e transporte desnecessário para o Hospital do Funchal, D. Francisco Santana, a pedido de um bombeiro, autorizou que os mortos fossem depositados na igreja de Santa Cruz. Entretanto, para não aliar o serviço religioso previsto para a manhã de domingo os cadáveres foram removidos para a capela da Misericórdia, junto à igreja matriz. A partir da 1-ª 50 da madrugada na ambulâncias e viaturas particulares, inclusivamente, fizeram a ligação entre a capela e o centro, pela estrada municipal. Populares levaram em nos braços os corpos e foram colocados em...





ENTREVISTAS EXCLUSIVAS COM:

**Luiz Villas-Boas, organizador**



**Art Blakey, baterista**



**Raul Catão, crítico de jazz**



**CASCAIS JAZZ FESTIVAL DA JUVENTUDE**

Durante três dias aconteceu jazz no Pavilhão de Desportos de Cascais. Num festival discutido. Como todas as coisas (mais ou menos importantes) deste País. Criticado exactamente porque aconteceu. A crítica se não tivesse acontecido. Morto por ter cão e morto por não ter.

Uma coisa é o festival que existiu, outra a cultura que não existe. Os concertos em Cascais e o jazz (que não existe) em Portugal. Se é pouco disfrutar, uma vez por ano, do contacto com grandes «jazzmen», a penúria do nada em todo o ano é pior. Apesar de tudo. Não que um festival seja muito. Ou seja tudo. É pouco. E este País, no campo cultural, precisa de muito. De quase tudo. E para isso é de facto necessário um trabalho constante. Persistente.

Ambicioso. No VII Festival Internacional de Cascais, por intenção dos seus promotores, Luiz Villas-Boas e Duarte Mendonça, com o maior ecletismo, numa função didáctica e na intenção de criar um sentido crítico, dar aos amadores de jazz presentes em Cascais oportunidade de ouvir as mais diferentes tendências de jazz. Abriu com George Duke preocupado mais com a quantidade que a qualidade de som. Oscilou entre um «rock-jazz» mau e «funky» escamoteado, recorrendo a «clichés» de fácil aceitação em público desprevenido. Que também havia. A confirmar pelos prolongados aplausos que lhe dedicaram.

Johnny Griffin, com enorme técnica de saxofone, foi mestre e contagiou a sua secção rítmica. Com qualidade, mi-

fica e criatividade harmónica pôs em êxtase os seis milhares de jovens presentes. Com talento que não víramos em Dusko Goikovitich e Sal Nistico.

No segundo dia, o português Rão Kiao tocou admiravelmente, com lirismo e força, com a maioridade que não têm ainda os seus acompanhantes. «Santos da casa não fazem milagre», mas o «set» de Rão foi um dos mais quentes e entusiasmados de todo o festival, pela sólida expressão rítmica e sonora definida.

Art Blakey, com pujança e vigor invulgar para os seus sessenta e tal anos, demonstrou, através da sua dialéctica, ser realmente um verdadeiro «professor» de jazz, sob as mãos de quem já passaram muitos dos músicos que hoje fazem «jazz». O «afro-americanismo» de Clifford Thornton regalou-nos, durante duas horas e o inolvidável Sammy Price, foi mesmo «rei do Boogie Woogie», fazendo penetrar a sua música em todos os milhares de pessoas com a mesma intensidade. Odeita, aos seus «blue», «work songs» e espirituais, imprimiu um ritmo e beleza só possível com a sua fantástica e cultivada voz.

Se Cascais Jazz aconteceu, deve-se a Villas-Boas e Duarte Mendonça. E não só. Também ao público. Milhares de jovens. Onde nem faltou a sua alegria e comunicabilidade, alguns caste com uns «fuminhos» à mistura.

Cascais Jazz, festival de juventude. Que não pode continuar a viver só, isoladamente como a ilha.


João Pestana (fotos) e Tolentino (texto)

REPORTAGEM



COM PATROCÍNIO DA



**INTERVAL** 

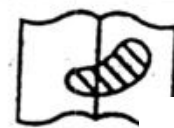
N.º 59

SUPLEMENTO DESTACÁVEL DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

FUNCHAL, 20 de Novembro de 1977

TINTA REPASSADA

Bleed Through



BELEZA

perguntas & respostas

- De morena, posso passar a loira?  
— Sim, se for morena-clara e ao fim de várias (progressivas) descolorações num bom cabeleireiro.
- Que posso fazer, ao maquilhar-me, para tornar as pestanas mais espessas?  
— Passe primeiro a máscara, depois pó de arroz e novamente a máscara, aplicada em camada generosa.
- Como posso evitar ir pera a cama com a cara engorurada, se preciso de aplicar um creme?  
— Conservando o creme só durante 20 minutos e tirando-o antes de deitar. Na maioria dos casos é suficiente.
- Entre lavagens, a minha franja, só a franja, fica oleosa. Que posso fazer?  
— Um shampoo seco (spray) entre as lavagens.
- O pé de-arroz compacto seca a pele?  
— Sim, se o usar diariamente, todo o dia. É muito útil para trazer na carteira para um retoque ocasional, mas em casa deve aplicar pó solto.
- Como se deve retirar a maquilhagem?  
— Comece pelos olhos, com um produto especial; a seguir limpe os lábios, depois a cara, com creme ou leite, em movimentos rotativos e ascendentes. No final, use um tónico.
- É verdade que não se deve rapar os pelos das pernas?  
— Sim. O bulbo do pelo subsiste e dá origem a um novo pelo, que frequentemente é ainda mais resistente e rijo.
- Como hei-de disfarçar as olheiras?  
— Com um bâton especial (há várias marcas no mercado) num tom o mais possível aproximado ao da sua pele e levemente rosado.
- Tenho a cara redonda, como me devo maquilhar?  
— Aplique nas faces, entre a maçã do rosto e o maxilar, um toque de pó em tom mais escuro.
- Uma dieta para emagrecer faz desaparecer a celulite?  
— Não, se não for associada a um tratamento próprio para combater a celulite, que aliás é difícil de eliminar.



FRICASSÉ DE FRANGO COM AMÊNDOAS

Ingredientes: 1 colher de sopa de manteiga; 1 chávena de chá de cebola picada; 2 colheres de sopa (rasas) de farinha; 2,5 dl de caldo de galinha; 400 g de frango cozido, cortado às tiras; 1 dl de natas ou iogurte; 1/2 chávena de chá de amêndoas peladas e cortadas em tiras finas; sal e pimenta moída na altura q.b.

Ponha a manteiga a derreter numa caçarola grande e frite a cebola até estar transparente. Polvilhe a farinha e deixe cozer 1-2 minutos. Junte o caldo, mexendo bem. Acrescente o frango, as natas ou iogurte e deixe ferver em lume brando, durante cinco minutos.

Junte as amêndoas e rectifique os temperos. Sirva imediatamente acompanhado de massa (esparguete ou outro tipo) ou de arroz de manteiga.

ELECTRODOMÉSTICOS O PERIGO DE CHOQUE

Cada dia aumenta mais o número de aparelhos electrodomésticos existentes nos lares. Portanto, o perigo de choque está escondido por toda a parte. O primeiro cuidado a observar é usar só tomadas e interruptores que preencham todas as normas de segurança, isto é, feitos de modo a que as mãos não toquem em partes de tensão.

Em caso de acidente, ao socorrer uma pessoa atingida pela descarga eléctrica, deve-se ter bem presente que a primeira coisa a fazer é livrá-la, imediatamente, do contacto com a fonte de energia, pois quanto mais prolongado ele for menos possibilidades de sobrevivência haverá. Por isso, deve-se rapidamente desligar a tomada ou interruptor geral. Fora de casa, utilizar um pau ou um galho seco, uma corda ou uma peça de vestuário para emperrar ou afastar o acidentado do fio eléctrico. Não se deve tocar na vítima sem que esteja desligado o contacto com a corrente ou, pelo me-

nos, segurá-la com as mãos protegidas por panos secos ou papéis. O socorrista deve também procurar ficar sempre isolado do chão, com os pés sobre um banco ou uma placa de madeira bem seca, ou sobre panos ou cobertores dobrados, ou ainda várias camadas de jornais. São conhecidos casos de tentativa de socorro a sinistrados que resultaram no salvador, ignorante dos perigos, se tornar por sua vez em vítima.

Depois de ter feito isto, se o acidentado não respirar, deve proceder-se imediatamente à respiração artificial e, em caso de paragem do coração, à massagem cardíaca.

Quanto às queimaduras provocadas pela corrente, se existirem, serão cuidadas, em seguida, quando as condições gerais tiverem melhorado.

Não se deve deixar de chamar o médico, porque o choque, embora parecendo ligeiro, pode ter lesado órgãos internos.

ENTREVISTA COM ART BLAKEY

(Continuação da 5.ª página)

restaurantes.  
— Esta cerveja é boa! É feita em Portugal? perguntou-me Blackey, e respondi-lhe afirmativamente, e logo a seguir disse-me: os portugueses fazem boa cerveja.

Agora foi a altura de Art Blackey me entrevistar.

— Você já esteve no Brasil?

— Não, nunca lá estive.

— Oh! Eu adoro o Brasil, e você também gostaria se lá fosse. Se você for à Baía encontrará o paraíso, eu juro, disse Art Blackey. Você tem que ir ao Brasil, é um lugar fantástico. É a coisa mais fantástica que vi na minha vida. Todas as coisas mudam no Brasil, eu tive muitas mudanças em mim mesmo, na saúde, no meu corpo, no meu espírito. O sol, a água, o mar, a música, tudo. Você que vá lá por dez dias e ficará seis meses, far-lhe-ia bem ao seu corpo e ao seu espírito, tudo se transforma nesse país. Eu juro, disse Art Blackey levantando o seu braço, em símbolo de juramento. Acredite e vá. O Rio de Janeiro com as suas praias, e a Baía, os dois melhores lugares que conheço. Meu amigo, é na Baía que eu quero passar o resto dos meus dias. «I swear!» Eu vivo em New Jersey, mas quero ter a minha casa na Baía. Não se esqueça de ir ao Brasil, meu amigo, insistiu Art Blackey.

Falei-lhe na ilha da Madeira, que era um paraíso também, e disse-me que não a conhecia, perguntou-me onde ficava, quantas horas de avião e se havia voos directos de Lisboa. Dei-lhe todas as informações que julguei úteis e Blackey mostrou-se interessado em conhecer a minha terra. Talvez, num futuro próximo, tenhamos aqui Art Blackey.

Já eram horas de jantar e

deixei Art Blackey, que ao se despedir deu-me um aperto de mão forte e franco e perguntou-me se eu ia assistir ao seu concerto dessa noite. Disse-lhe que sim, e que era a primeira vez que o via actuar ao vivo. Deu estrondosa gargalhada acompanhada de «Eh mana».

A caminho do Pavilhão, ao subir a rua estreita em quebras de zig zag, onde ia assistir nessa noite ao espectáculo fui pensando na personalidade de Art Blackey e a conversa que tinha tido com ele. Desde o momento em que lhe telefonei e prontamente desceu aceitando o meu pedido. Que interesse teria para ele esta modesta entrevista? Com toda a sua simplicidade, franqueza e honestidade, conversou comigo colocando-se sempre no mesmo pé de igualdade com os outros músicos e admirando-os. Lembrei-me ao mesmo tempo daqueles que em qualquer posição da vida não valem nada, cretinos, imbecis e vaidosos, que em situações destas se fazem rogados, muitas vezes fazendo esperar quem a eles se dirige, dando a si um ar de importância, que no fundo tanto precisam para sustentar os «pés de barro» do seu pobre talento. E, era ele, Art Blackey, que é considerado pelos bons críticos de Jazz, como o melhor baterista do mundo, e criador de estilo próprio e inconfundível, tão forte na sua personalidade, como no rufar da sua bateria...

J. P.

Villas-Boas organizador do Cascais Jazz

(Continuação da 3.ª página)

para o fácil, quando não têm preparação, mas quando lhes dão acesso como eu faço aqui em Cascais a reacção é bastante correcta. Aplaudem quando gostam, mas não são imbecis aplaudindo ao contrário, como dizem por aí tentando menosprezar o festival, o que é absurdo. Trago grupos de qualidade.

A mediocridade é uma constante neste país. Quando se sai desse nível imediatamente nós atacamos, preocupam-se muito com quem está em evidência, porque ganham muito ou pouco, etc. Não se preocupam com o leiteiro ou com o merceiro que se estão a encher agora como nunca. Eu continuo a ganhar o meu ordenado, sou trabalhador de uma companhia de aviação estrangeira, não vivo do festival. Faço a minha vida com o meu trabalho.

Nós, do jazz, não somos melhores mas somos diferentes. Há ainda hoje, por complexo de inferioridade, quem tenta menosprezar o jazz. É uma atitude sectária que não aceito de maneira nenhuma. O jazz atingiu uma universalidade total, deixou de ser de um povo para ser do mundo. Há em toda a parte, des-

de o Japão à Rússia. É uma linguagem universal, com criação espontânea. Está ao mesmo nível da música erudita, que por sinal atravessa uma grande crise. Depois há a música popular ligeira, o pop, o rock, a música de dança e de consenso, etc.

A terminar quisemos ouvir Villas-Boas sobre a possibilidade de realizar no Funchal um festival ou concerto de jazz. Uma questão que ele já aguardava, como confessou, e sobre a qual falou com entusiasmo:

— Essa é uma das grandes ambições de minha vida e não há nisso qualquer interesse material. Estou disposto a fazer um festival de jazz na Madeira com uma entidade — penso ser a Delegação de Turismo a mais indicada — completamente grátis. Nem precisam pagar-me as viagens, pois tenho facilidades neste aspecto, dão-me só os comes e bebês. Organizei o festival com multíssimo gosto, iniciando um ciclo que pode ser depois continuado.

Se houver alguém nisso interessado, estamos às vossas ordens, digam como querem, quando quiserem, de que verbas dispõem. Teremos música conforme a verba.

Villas-Boas explica o porquê desta predileção pela Madeira:

— Tenho mais interesse pela Madeira do que pelos Açores donde vem a minha família. Estive dos 13 aos 15 anos, em 1937-39, na Madeira que considero a terra mais linda que vi na minha vida. E já estive em Hong Kong e Singapura, os sítios considerados mais bonitos. Voltei depois mais duas ou três vezes.

Meu pai esteve no Funchal. Era jovem e sentiu-se feliz. Teve romance muito lindo. Antes da guerra nós estivemos na Madeira, onde meu pai era capitão de artilharia. Fomos muito bem tratados. Compreendi os problemas que a ilha tinha, oxalá as dificuldades tenham sido superadas. A Madeira é de facto, um jardim como diz o Max, grande amigo meu e que ajudei a fixar-se no Continente, com o Menezes quando vieram a acompanhar Tony Amaral. O Carlos Menezes é um grande músico!

A terminar, recorda: — No hotel Bela Vista, em 1938 ouvi uma orquestra organizada por um inglês coxo e integrada por músicos madeirenses que nunca mais esquecerei. Era extraordinária!...



Villas-Boas organizador do Cascais Jazz

# Sou muito eclético gosto de jazz de qualidade

— A vida não é de facto, infelizmente, um mar de rosas. Você vê que até o próprio país às vezes tem enormes problemas, colectiva e individualmente. Este festival considerado importante, é corolário de uma vida. Desde 1945 pensei dedicar-me à divulgação do jazz. Estive na fundação do Hot Club, por volta dos anos 50, sendo o sócio número um e ocupando a presidência várias vezes. Daí para cá estive na rádio, na televisão, escrevi até sempre com o mesmo objectivo. Finalmente em 1956 consegui trazer uma orquestra importante, talvez a mais importante embora não a melhor. A mais importante é a de Ellington e a melhor a de Basie. Foi sensacional nessa época sobretudo porque tinha na orquestra excelentes músicos.

Assim se nos apresenta Luiz Villas-Boas, um nome directamente ligado à divulgação do jazz em Portugal. A quem se deve o Festival Cascais-Jazz, este ano em sétima edição. Mas a sua vida não é (só) o jazz. Trabalhou na meteorologia e depois «voou» para uma companhia de aviação. Em jovem se dedicava à música clássica. A investigação no mundo do jazz começa imediatamente com a leitura de uma edição sobre o tema. E não pára. Porque «gosto do meu adorável país», porque «gosto muito de jazz». Neste momento encontra-se em Macau, a organizar o I Festival de Jazz de Macau, integrado nas Festas da Cidade. Propõe-se ao mesmo no Funchal. Se houver apoios, com a sua dedicação.

As dificuldades na sua concretização:

— Daí para diante pensei sempre fazer concertos, cujas despesas são enormes. Trazer uma orquestra envolve várias despesas: para os artistas, músicos que não tocam todos os dias (muita gente faz confusão quando se diz que um músico ganha duzentos contos num dia, esquecendo os dias que eles perdem em deslocações e ensaios); os hotéis (e eu prefiro que essas despesas corram por conta deles); o pessoal que transporta os instrumentos e técnicos de som, etc.. É uma máquina complicada. Além de tudo o mais, comecei a fazer festivais com o dólar à volta de 2500 e agora já passa de 4000. Isto tem os seus reflexos evidentes no preço, tendo também quase dobrado os transportes aéreos. Por exemplo viagem (ida e volta) Lisboa - Amesterdão, custava à volta de 7 ou 8 contos e agora ronda os 16 contos.

Tudo isto vem a propósito de a nossa posição não ser, de facto, ideal em alguns aspectos e acarreta uma série de despesas que torna a vinda de um músico muito cara. Aproveitamos quando está o em tournée pela Europa. Está fora de questão trazer os da América, porque os preços são totalmente proibitivos. Há um Festival que é muito rico, porque a cidade de Berlim e a televisão alemã entram com verba na ordem das dezenas de milhares de contos, para o qual mandam vir exclusivamente um avião cheio de músicos americanos. Isso ultrapassa-nos.

Para nós o ideal é quando vão ou vêm da América, fazê-los parar aqui. Mas nem sempre é possível, pois, por vezes, não coincidem com as datas que escolhemos. Em certas ocasiões vêm a Portugal de Amesterdão e seguem para Paris. A tal viagem dos 15 ou 16 contos por cabeça que multiplicada por 5 ou 6 músicos atinge os 100 contos. A partir daí incluídas as despesas de hotéis e dias parados, o «cachet» dos músicos não é tão fabuloso como parece à primeira vista.

Prosseguindo:

Nós estamos bem relacionados. Trabalhamos com o maior

copo. A grande maioria do público é jovem e consciente do que está a fazer. Até tem muito bom gosto musical. Tenho por eles muita consideração. Esses amigos simpáticos do jazz são o futuro.

Voltando ao Cascais-Jazz 77:

O nosso festival é mesmo ambicioso. Em cada um dos três dias actuaram três grupos, todos eles de prestígio. Nomes importantes, como o Freddie Hubbard, Johnny Griffin, Shelly Mame, Art Blackey, etc. Nós com estes músicos etc. Nós com estes músicos mana inteira, que é o que acontece lá fora, pondo a actuar um ou dois grupos por dia. Nós preferimos fazer assim. Uma coisa compacta que dizem que é uma indigestão.

E, justifica:

— É muito difícil arrastar seis ou sete mil pessoas, número necessário para um espectáculo deste género, sem uma grande movimentação publicitária e se não se catalizar o entusiasmo das pessoas. Apesar dos subsídios é preciso fazer uma receita de bilheteira bastante grande para cobrir as despesas, o que não é possível com mil ou mil e quinhentas pessoas. Vocês vieram da Madeira, mas há quem tenha vindo de localidades mais afastadas, desde Sevilha a Angola ou Moçambique. Movimentar as pessoas sem haver um grande espectáculo é muito difícil. Para assistir simplesmente a um concerto de um músico as pessoas não se deslocam. Além de que eu não sou profissional, trabalho em aviação, e faço isto com muito amor, porque gosto muito de jazz.

O festival tem estas características por estas razões. Eu gostaria de fazer muitas outras coisas, de vez em quando um concerto, mas isso não é viável se não houver uma entidade financiadora ou um grande subsidiador para cobrir o déficit que existirá naturalmente. Vejamos: um grupo 200 contos, 100 contos de pu-

blicidade, e para despesas gerais 100 contos totalizam 400 contos. Para realizar esta verba num concerto realizado num cinema com mil e quinhentos lugares, pois numa sala maior não enche, terá que pôr os bilhetes numa média de 300 escudos. Só se poderá descer o preço das entradas, permitindo que o concerto seja acessível a maior número de pessoas, se se contar com subsídios. Nós felizmente temos o patrocínio que nos interessa, não dos bancos a que tivemos que recorrer há anos, mas sim de entidades oficiais como a Direcção-Geral da Acção Cultural, a Direcção-Geral do Turismo e a Junta de Turismo da Costa do Sol pois é aqui que se realiza. Estes organismos ajudam e tornam possível o festival, não o fazem, mas participam com uma parte do dinheiro necessário. Dá muito sofrimento conseguir a restante verba, passam-se muitos sustos até movimentar tanta gente e para controlar isto de modo a que, durante estes sete anos, não tenha acontecido nenhum problema grave. Isso cansa-me, mas faço com muito gosto. Gosto muito do meu adorável país. Vivo cá porque gosto. Poderia viver na América e ganhar três vezes mais. Não é uma questão de altruísmo, mas de opção.

Sobre o critério seguido pela organização na escolha dos músicos participantes, Villas-Boas esclareceu:

— É uma questão pertinente de jazz de qualidade, independente. Sou muito eclético, gosto de todo o estilo. Desde 1942 que tenho ouvido jazz e gosto desde o início, anos vinte, com Louis Armstrong, depois do «swing», do Bob nos anos 40-50. Surge agora o jazz de vanguarda em que há vários problemas mas há bons músicos. Não é sobre esses grupos em estágio experimental que eu concentro as minhas atenções. Como estão numa fase de evolução e escolho os melhores porque acho que devo mostrar. É o caso do Clif-



ford Thornton. Trago músicos de todos os géneros, desde que tenham qualidade, evitando repetições e optando pela diversidade de estilos. Depois as pessoas poderão fazer as suas opções, em plena consciência, e não a anterior como acontece com certos «auto-denominados críticos».

Temos que ter acesso directo. A música de jazz tem que ser consumida ao vivo, por ser de criação espontânea. O artista é o compositor. Eis a razão porque já estiveram aqui grandes nomes do jazz. Estou a tentar recuperar o tempo perdido, pois em Portugal o jazz começou a ser apresentado ao vivo muito tarde, nos anos 50.

Normalmente baseamo-nos no empresário americano George Wean, organizador do Festival de Newport que trazia em Novembro dez ou doze orquestras e escolhia-se meia dúzia a que se contava outros arrançados por nós. Havia já uma boa escolha porque ele só arranja grandes músicos. Agora ele acabou com a tournée em Novembro e faz um grande festival em Nice, em Julho. Nós ficámos com um problema de selecção. Já nem queria trazer ninguém este ano mas tanto insisti que cá veio o Shell Mame com Leo Kowitz, a Odette, o Sammy Price e o George Duke. Os outros grupos tiveram que ser contactados por nós. Felizmente que havia orquestras em digressão pela Europa como a Freddie Hubbard. Este é talvez o mais importante do Cascais 77, com o Art Blackey e o Shelly Mame, também importantíssimos. E daí que eu digo que este festival é muito homogéneo e que todos os dias tem grandes nomes. Eis o critério.

Possivelmente terei que mudar para Julho porque nesta data haverá maior possibilidade de escolher por se realizarem vários festivais na Europa. Dada essa grande movimentação de artistas poderemos fazer uma melhor escolha.

Da música que teve como berço a severidade do Código da Escravatura americano, disse

— O jazz é uma maneira de viver, os «jazz-men» têm uma personalidade muito característica. Gostam de coisas que não são do agrado geral, o que origina por vezes uma segregação. Os normais, como lhes chamamos, gostam de coisas pirosas, feitas a metro. Como quem faz chouriço: metem uma cantora toda bem vestida de um lado e sai, do outro lado, um disco piroso.

O nosso nível cultural é baixo. O país sofreu muitos anos de obscurantismo. Há quase 50 por cento de analfabetos. As pessoas não têm culpa. Gosto muito do meu povo, e não aceito o insulto que se faz à inteligência dos nossos cidadãos, quando se os considera todos atrasados mentais. Há uma tendência

(Continua na 2.ª página).



Pelo CASCAIS-JAZZ passaram, ao largo destas sete edições, grandes nomes como Miles Davis, Ornette, Coleman, Dexter Gordon, Gerry Mulligan, Paul Desmond, Elvin Jones, Cannonball Adderley, Roland Kirk Sarah Vaughan, Duke Ellington, Woody Herman, Roy Haynes, Gary Burton, Joe Henderson, McLoy Tynner, Charles Tolliver, Gato Barbieri, B. B. King, Dizzy Gillespie, Gil Evans, Betty Carter e tantos outros.

TINTA REPASSADA

Bleed Though





No intervalo de um dos concertos, durante o «Cascais-Jazz 77» encontrámo-nos com Raul Calado. Sobre este festival disse:

— As pessoas não podem ser contra um festival de jazz desta envergadura. Sou a favor. Mas as pessoas têm que criticá-lo. Supunhamos que em Portugal nunca havia futebol e uma vez por ano tinha-se a final da Taça de Portugal entre o Benfica e o Sporting. É evidente que não poderia censurar este desporto. Mas, por outro lado, também não se poderia afirmar que havia futebol em Portugal. É fundamental que o Brevista jogue com o Marítimo. Tem que existir pequenas equipas, os Marinhenses, os Marítimos, os Farenenses. Do facto de existirem essas equipas que jogam durante muitos domingos é que resulta a existência do futebol em Portugal. Como existe em Espanha, Inglaterra ou na Alemanha.

É justificando este exemplo:

— Haver em Portugal, como existe, durante três dias um grande acontecimento a que vêm grandes nomes, mas não haver mais nada, nem contactos com a música, nem com os músicos e depois, de repente, este festival... Isto não corresponde a uma realidade. É um sonho durante três dias. Agora vamos esquecer todos o jazz e esperar pelo próximo, em Novembro de 1978...

No nosso país quase nem existe jazz. Há cem ou duzentas pessoas que gostam muito de jazz, em geral, indivíduos de grandes cidades. Talvez o Funchal seja das cidades onde existe maior número... Mas as pessoas estão desorganizadas, apesar de todas as coisas exigirem um mínimo de organização. É fundamental que as pessoas ao ouvirem discos — alguns até de que não vão gostar logo de imediato — façam perguntas, discutam para, pouco a pouco, aprenderem uma linguagem e a distinguir aquilo que é bom do que é mau. Isto que é verdade para o jazz, é-o também para o cinema, para o teatro, etc. As pessoas devem conversar. Um dos hábitos que menos temos, em Portugal, é de conversar sobre qualquer assunto. Pertencemos a uma geração de pessoas em que os frequentes irmãos a determina-

# Raúl Calado, crítico Tony Amaral, Carlos Menezes, Max e Helder Martins (um grupo de excelentes músicos madeirenses) fizeram a música portuguesa progredir

Nascido em Maio de 1931, Raul Calado licenciou-se em Ciências Geológicas. Durante dois anos foi professor no Liceu Gil Vicente. Depois publicidade, como executivo de contas e redactor publicitário, sucessivamente em algumas empresas e desde Dezembro de 1971, director-geral da Cinevoz. Ainda neste campo leccionou no Instituto de Novas Profissões (tecnologia da publicidade e redacção publicitária).

Entretanto, e pelo meio de tudo isto, sócio fundador do Cineclub Universitário de Lisboa, sócio n.º 1 do Clube Universitário de Jazz (fechado em 1961 por ordem do então reitor Marechal Castano), secretário-geral do Hot Clube de Portugal

do café e discutimos os mais variados temas. É brutalmente importante discutir o trigo no Alentejo, a beterraba nos Açores ou as flores na Ilha da Madeira. É a falar que a gente se entende e que se aprende de coisas. O jazz aqui é um dos assuntos que se pode discutir, em grupo, com os amigos. Há discos, gravações que se podem ouvir, discutir e aprender.

O ambiente dum festival é o contrário disso. Somos apenas espectadores a ouvir umas vedetas a tocar e estamos todos separados. Torna-se fundamental, até para o futuro

Durante 8 ou 9 anos produtor do «Tempo Jazz», na antiga Emissora Nacional, cobrindo duas meias-horas por semana.

No campo do Jazz fez centenas de palestras em sítios tão diferentes. Na música portuguesa e de parceria com José Duarte criou e editou os discos do «Popfado», tentativa de orquestração e vivificar a nossa música ligeira. Em Julho de 1974 foi o representante de Portugal no Júri do Festival de Cannes.

Ao contrário do que pensa muita gente, a «Cornélia» é apenas um acidente na vida de Raul Calado. Dedicada sobretudo, ao Jazz e à publicidade. Por razões diferentes:

é pouco. Antigamente foi muito. Era realmente o meu hobby, em que gastava todo o meu tempo livre. A maior parte dos cabelos brancos que tenho foi causada pelo jazz. Durante muitos anos fiz palestras sobre esta música, em toda a parte até na cadeia de Linhó, onde se encontram criminosos de delito comum condenados a prisão maior. Com muita frequência dei-me às duas ou três horas da madrugada para depois levantar-me a tempo de trabalhar logo pela manhã.

Com outras pessoas fundamos o Clube Universitário de

Jazz, talvez o maior de Portugal, com 1700 sócios. Nunca gabei com estas actividades de abeiro nenhum. Exclusivamente nas idas a Abrantes ou a outras localidades era eu quem pagava a gasolina. A única coisa que recebi foi quando na Emissora Nacional, produzia duas meias horas semanais e pagavam-me 150 escudos por emissão. Mas devo dizer-lhe que para o programa tinha que ir muitas vezes buscar discos a Cascais, onde há um grande colecionador de obras de jazz e, com os gastos da gasolina, dava-me prejuízo.

Como gostava muito de jazz, tinha um grande desgosto que as pessoas, minhas amigas ou desconhecidas não entendessem o jazz. Dava-me tanto gozo que pretendia que isso se estendesse às outras pessoas.

Ultimamente a minha vida complicou-se um pouco. Sou o director de uma das maiores agências portuguesas de publicidade. Tenho 45 pessoas que dependem de mim. Pelos meus muitos afazeres deixei de ter tempo livre para me dedicar ao jazz. Hoje em dia, neste aspecto, sou um indivíduo desactualizado. Depois do 25 de Abril surgiu uma crise na publicidade e tenho que ajudar a salvar a empresa e garantir o emprego àqueles trabalhadores.

É sobre o Jazz, agora, em Portugal:

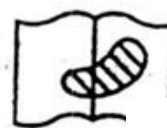
— Pelo menos o público hoje em dia parece-me maior, não o «auditorium» de verdadeiros amadores e conhecedores. Não há dúvida que os festivais de Cascais, trazendo seis ou sete mil pessoas, cada noite, abrem o público que viu o que noutros tempos não se teve oportunidade de ver. É natural que, entre esta juventude, nasçam verdadeiros amadores de jazz.

Há uma coisa muito promissora em Portugal: acabámos de ouvir Raul Kiao acompanhado por três excelentes músicos, existem mais outros também de grande valor e neste momento o Hot-Club. Mas de que nem sou sócio e, portanto, não estou a elogiar o



RÁO KIAO (em baixo) — incontestavelmente o melhor músico português de jazz. GEORGE DUKE (em cima) — o número de decibéis nos seus ouvidos que a aparelhagem era cética.

(Continua na 6.ª página)







# Art Blakey, bateria RECEBI E TENHO INFLUENCIADO MUITOS GRUPOS DE JAZZ

grupos de jazz, o que pensa dos meus amigos eram muito mais novos do que eu.

— Ora, eu não gosto de me engrandecer, mas penso que Art Blakey e os Jazz Messengers têm influenciado muitos grupos de jazz, assim como recebi muito de Charlie Parker e Thelonious Monk, estou certo que dei muito aos grupos de Rock e os Jazz Messengers. Isso aconteceu em todo o mundo. Muitas das estrelas do Rock de hoje vieram do Jazz. Sinto orgulho por Red Nicolson, grande argumentista do cinema e televisão veio dos Jazz Messengers. Sinto-me muito orgulhoso por todos eles, hoje grandes estrelas no mundo, que vieram do jazz do meu grupo.

Eu sou fisicamente forte, e de grande sensibilidade, e tento controlar essa força física. Tenho 63 anos e sinto-me como tivesse 26. Eu gosto das

vez Blakey e deu nova gargalhada. Na América poucas pessoas o conhece. Se você perguntar por Louis, não sabem quem é, e são capazes de lhe dizer: será o presidente? Não o conhecem, não sei porque. Sabe, a América é um país rico de vida fácil, há muito de tudo, comida, todas as coisas, tudo é fácil e as pessoas não se preocupam com isso porque são preguiçosas. Há de tudo com fartura e isso faz mal às pessoas.

— Isso não é maravilhoso, retorquiu Blakey, você já teve algum problema por ter amigos mais novos?

Não Art Blakey, o que é preciso é sentirmos essa juventude.

— Você está 100% certo (sublinhou com estrondosa gargalhada) 100% certo!

Nesta altura aproximou-se Valeria Ponomarev, seu trompetista, que Art Blakey nos apresentou.

O que é que você pensa deste «Cascais-Jazz 77»?

— É uma coisa maravilhosa. Encontrei aqui muita gente que gosta de Jazz honestamente, o que às vezes não encontro noutro lado. Fiquei de verdade desapontado em Paris, a esse respeito. Vocês têm aqui em Portugal, bons músicos de jazz. Eu conheci um rapaz que o pai tinha um restaurante, há anos. Era um bom baterista, tocava num club num grupo de Rock, não me lembra o seu nome. Eu fiz há pouco uma viagem à União Soviética e encontrei muita gente que gosta de jazz, sabe que um disco «long-play» custa 50 dólares.

Eu sou grande admirador de Louis Armstrong, Duke Ellington, infelizmente já mortos.

— Louis Armstrong? perguntou-me Blakey. Fantástico! Eu gostaria que ele estivesse aqui hoje, frison Blakey. «Fantástico man». Você gosta de Louis, inquiriu outra

vez Blakey e deu nova gargalhada. Na América poucas pessoas o conhece. Se você perguntar por Louis, não sabem quem é, e são capazes de lhe dizer: será o presidente? Não o conhecem, não sei porque. Sabe, a América é um país rico de vida fácil, há muito de tudo, comida, todas as coisas, tudo é fácil e as pessoas não se preocupam com isso porque são preguiçosas. Há de tudo com fartura e isso faz mal às pessoas.

Na América há muitas facções e o povo pensa de maneira diferente, isso é uma das razões. Sinto-me desolado por eles não serem conhecidos na sua terra.

Art Blakey, para si quem é a figura máxima no mundo do Jazz na América?

— Eu penso em Thelonious Monk, Miles Davies, Dizzie Gillespie, estes são os Jazzmen do «Top», mas os americanos não o sabem.

Porque é que na América não são conhecidos os Jazzmen?

— Talvez por falta de publicidade. Quando estes grupos tocam em clubes, onde muitas vezes as pessoas se embriam, e depois há sarilhos, vem a polícia e leva toda a gente para a esquadra, então os jornais falam que esses tipos que foram presos estavam num clube onde estava a tocar Art Blakey, ou Dizzie Gillespie.

Art Blakey chamou-o e empregado e perguntou-lhe se já tinha café ou sandes, este disse-lhe que dentro de dez minutos já podia ser servido no

(Continua na 2.ª página)

Deixei o Pavilhão dos Desportos de Cascais, onde se fazia uma grande preparação para o espectáculo desta noite. A atracção era Blakey. Desde então estendiam-se pelo chão, ensaiavam-se as câmaras da Televisão e Cinema, e os grandes projectores em jorros de luz apagavam-se e acendiam-se, inundavam o estrado, onde o espectáculo desta noite se ia desenrolar. Gostei em ver e ver constantemente ultimava todas as coisas.

As saídas, atravessando a praça, que no luso-fuso tinha um aspecto feio. Os amadores de Jazz, dirigiram-se já para o Pavilhão, e alguns amentavam-se em redor dos assadores de castanhas que lançavam fumo em espirais contorcidas pela aragem fresca, que também bella com as ramagens das árvores.

Descei a rua estreita, em quebras de zig-zag, cruzando-me com grupos de aficionados de grandes cabeleiras, sa-marras felpudas e cachecóis que pendia, em pontas longas, até aos joelhos. A rua estreita encanarava-se no largo em frente à baía, onde a agonia do dia se fazia sentir, e o mar mordida a praia em cheiro de maresia. O céu, em tons de laranja e violeta, e o mar, onde as luzes que há pouco se acenderam eram abafadas pelo escarlate do poente esborrando as suas costas e molhando-lhe as orelhas.

No chafariz do hotel esperei por Art Blakey. Tinha-lhe telefonado e dissera-me que desera já. Dentro de cinco minutos Art Blakey apareceu. Fui ao seu encontro e apresentei-me. Art Blakey deu uma gargalhada, como o refrar da sua bateria, que enchia todo o chafariz, e num aperto de mão forte e franco, disse: «Allô, mana».

Art Blakey é um homem de estatura mediana, entroncado, cabelo grisalho, e nos seus sessenta e três anos, transbordava uma vivacidade e juventude que me espantaram, mas ao mesmo tempo não me surpreenderam. A sua jovialidade era contagiante e as suas gargalhadas e falar gutural repercutiam-se por toda a parte onde fomos. Ao perguntar o que queria beber respondeu-me imediatamente: «café», mas segundo informação de homem, não havia café nesse momento, e retorquiu-me: «hear that's right». Nova gargalhada surgiu, acompanhada, novamente, de suas expressões contagiante de juventude.

Preveniu-me, logo, que ouvia pouco do ouvido esquerdo, devido à prática de surf na Califórnia, na qual tivera um pequeno acidente, e a seguir qualificou esta prática desportiva de «agradável».

Art Blakey vai ser pianista antes de tocar bateria, porque mudou?

— Eu tocava com Earl Gardner, e numa noite no club onde actuava, o gerente disse-me: Blakey, você vai tocar bateria, e respondi-lhe, ok, e comecei a tocar bateria.

Há quanto tempo foi isso?

— Oh! Meu Deus, há muito tempo, aí por volta de 1934.

Blakey, você deve ter sentido o recebido influência de outros homens de jazz?

— Sim. Com certeza. Chick Webb, Sid Catlett, Chick Clark, toda a gente sabe coisas dos outros, os melhores muito mais. Mas a influência foi influenciada por Charlie Parker, Thelonious Monk,

Dizzie Gillespie. Julgo que estive a ser sincero. Descobri muitas coisas com eles, em especial com Thelonious Monk.

O que pensa de Thelonious Monk?

— Thelonious Monk, gregu, para mim é um grande músico. Sim, com certeza é um grande músico.

Blakey, você é o melhor baterista, segundo os críticos, o melhor entre todos.

— Quem? Eu? (Blakey soltou grande gargalhada). Eu gosto da gente como você, disse-me, mas houve melhores do que eu, e eu recebi muito deles.

Art Blakey, deve o seu sucesso ter influenciado outros

## PATROCÍNIO

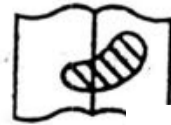


pessoas, e de conviver; eu considero homem um indivíduo de 13 anos, porque penso que é um homem, e respeito-o como tal. Muitas vezes dizem, você, é outra geração. Eu, nunca tive esse problema. Todos crescemos e envelhecemos, mas a gente envelhece na altura própria.

Eu, disse a Blakey, que não o sentia velho, e que muitos



Sheila Escovedo e Sharon Hendrix, vocalistas do Quinteto de George Duke, ajudarão o público a balancear o corpo ao nível dos ritmos que pairavam



ORIGINAL COM DESFOCAGEM

A3  
B4  
A4  
B5  
A5  
A3  
A5  
B5  
A4  
B4  
A3

## RAUL CALADO

## E «A VISITA DA CORNÉLIA»

(Continuação da 4.ª página)

meu clube — tem uns quinze tipos que andam a ensaiar todas as semanas para fazerem uma grande orquestra e muitos outros a aprenderem desde o solfejo à música erudita para tocarem jazz. Todos estes, estou certo, virão a ser excelentes músicos se não se dispersarem entretanto. Cito, como exemplo, nomes do Fernando Costa, contrabaixista; Luís, estudante de Medicina e do Conservatório, flautista; do Rufino, viola, que com outros darão excelentes instrumentistas. Começam a surgir jovens com valor que estão mesmo a estudar e cujo futuro é promissor se lhes derem oportunidades.

Estou cheio de esperança. Com alguns deles ando a tentar fazer algo pela música portuguesa, para que esta progrida. (É evidente que isto nada tem a ver com o jazz). Uma das alturas em que a música portuguesa progrediu — e isso eu agradeço aos madeirenses — foi quando apareceram aqui, em Lisboa, o Tony Amaral, o Carlos Menezes, o Max, o Helder Martins, etc. Foi um grupo de músicos que, por serem excelentes, fizeram a nossa música ir para diante, apesar do ambiente não lhes ser muito favorável e da música portuguesa da época ser muito má.

Foram sonda puderam. Não me posso esquecer destes madeirenses pelo seu válido contributo.

Neste momento está-se a fazer uma nova geração de músicos que, efectivamente, terá consequências na música portuguesa. Vamos continuar a ter fado, mas mais bem tocado, com novos acordos, mais complicados. Os músicos saberão mais música, tocarão melhor.

Para muitas das pessoas, entre nós, Raul Calado é apenas um jurado da televisiva «Visita da Cornélia».

— Só aceitei ser jurado da Cornélia porque me deram o regulamento para ler e achei que poderia ser um concurso efectivamente interessante, porque me disseram que cada um dos jurados tinha, não o direito mas a obrigação, de justificar em trinta segundos os pontos que dava. E ao nos escolherem, pediam-nos que tentássemos ser didácticos.

Devo reconhecer que falhei algumas vezes. É uma auto-crítica. Deveria ter sido capaz de ensinar muito mais do que ensinei. Tenho muita pena de não o ter feito. De qualquer forma aceitei para tentar transmitir alguma coisa. Infelizmente grande parte da crítica, muitos dos homens que escrevem nos jornais, não compreenderam isto. Não entenderam a nossa missão, que nós estávamos ali para que as pessoas diferenciassem uma boa duma má dança, uma má duma boa canção, um bom

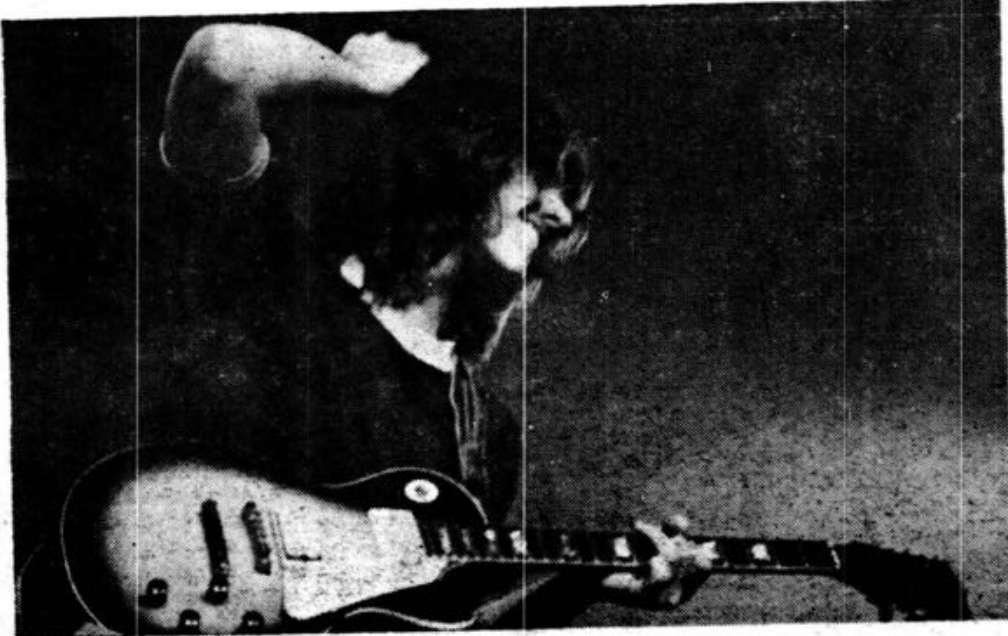
dum mau texto. Nem sempre fui capaz disso. Em trinta segundos, de imediato, é muito difícil. Vejo a apresentação ao mesmo tempo que os telespectadores, não as vejo antes. Até algumas vezes, passado algum tempo, em minha casa, discordo da minha própria posição.

Para mim o fascínio da «Cornélia» é a surpresa em que os telespectadores permanentemente estão, perante aquilo que vai ser a opinião de cada jurado. Se essas opiniões conseguissem ser sempre muito educativas, a «Cornélia» teria sido um programa magnífico, como talvez nunca tivesse havido na TV portuguesa. A nossa inexperiência, o nosso nervosismo, a rapidez com que temos que fazer uma crítica obriga muitas vezes a que elas sejam imperfeitas. Talvez com um júri mais competente que nós somos, aquele programa poderá vir a ser muito influente junto das pessoas. Não estou a falar sob o ponto de vista político. Estou-me nas tintas para a política, não estou em nenhum partido.

Este País só pode ser uma democracia no dia em que o povo português tenha um mínimo de discernimento sobre todos os assuntos. As pessoas têm que se habituar a pensar sobre uma canção, sobre um texto ou sobre um partido político antes de votarem nele. Só assim é que eu posso acreditar na democracia em Portugal. As pessoas não podem votar num partido porque está lá o senhor-fulano-de-tal, mas sim porque creem que esse partido apresenta a melhor solução para a sua vida.

Foi isto que tentámos: que as pessoas se habituassem a aplaudir um texto, uma canção ou uma quadra porque... Porque tinham uma razão para isso. É evidente que muitos concorrentes fizeram política no programa. É normal, tratando-se de pessoas amadoras — que podem ser comunistas, ou CDSs, ou monárquicas — que elas exprimam as suas ideias. Mas independentemente da ideologia, aquilo que tentei fazer perceber é que essas ideias poderiam ser expressas bem ou mal, apesar de não nos identificarmos com elas. Expressar conceitos socialista merece essa pontuação má não vale 15 pontos, mas fazer um belo poema socialista merece essa pontuação. Por outro lado, um belo poema monárquico pode valer esses mesmos pontos.

A sociedade portuguesa, os portugueses estão tão divididos entre campo e cidade, norte e sul, continente e ilhas, que realmente as pessoas, se não são socialistas, tendem a atribuir zero aos socialistas. E vice-versa. Não deveria ser assim. Se aparece um homem de direita a fazer uma óptima poesia, também pode valer 15 pontos. Embora as pessoas



possam estar ou não de acordo, que é outro problema. A qualidade literária, musical ou plástica deve ser analisada independentemente.

Mas a classificação, por vezes, como no ensino, pode não traduzir a qualidade...

— Claro que sim. Neste programa não deveria haver números. Se os houvesse deveria ser na escala 0 a 20, a que estamos mais habituados. A «Cornélia» não deveria ser um concurso. A RTP deveria abrir as suas portas a todos os portugueses que desinibidamente lá quissem ir cantar, dançar, recitar, etc. A todos os que tivessem sem um mínimo de jeito, apurado talvez numa pré-selecção. Não para fazer concursos e ganhar dinheiro, mas para que as pessoas melhor se conhecessem e manifestassem as suas aptidões. Julgo que foi uma experiência fascinante ver quantas pessoas em Portugal eram capazes de fazer determinadas coisas, desasombradamente, perante tanta gente.

«Cornélia» em programa que gerou controvérsia. Em tempo há também «Gabrielas» é, para alguns, um «caso» nacional.

— Não sei se aquele programa tem todos esses aspectos negativos que certa imprensa lhe atribui. Julgo que do público propriamente dito ainda não encontrei essa reacção. Há evidentemente 30 ou 40 pessoas que escreveram a insultar-nos e há 4 ou 5 jornais que nos insultam sistematicamente. Contactei, com certeza, na rua, dezenas de milhares de pessoas e nunca fui insultado por ninguém. Não tenho a certeza se as opiniões negativas expressas têm algum significado... De qualquer modo.

Que os portugueses neste momento estão sectariamente divididos, não tenho dúvidas. Eu acredito que exemplo, numa aldeia de Trás-os-Montes, Algarve ou Madeira as pessoas que estão a ver a televisão, em conjunto, classifiquem o concorrente A como sendo comunista, o senhor B como sendo PPD, etc. As pessoas «têm» de ser classificadas... Há quem não entenda que se pode gostar de futebol, gostar de ver o Benfica ou a Ajax jogar bem futebol e não se ser do Benfica ou do Ajax. Não

é obrigatório também que as pessoas estejam filiadas num partido. Realmente os portugueses têm, actualmente, o hábito de meter a malta toda dentro de gavetas. Há uma gaveta de comunistas, outra de socialistas, uma outra de social-democratas, ainda outra de fascistas, etc.. Isto não é obrigatório. Há excelentes pessoas que são de esquerda e que não querem fazer mal nenhum a ninguém.

Da experiência colhida em «A visita da Cornélia» — e não só — Raul Calado dá-nos o toque para programas futuros:

— Devo esclarecer previamente que não sou funcionário da RTP, nem organizador do concurso. Temos, trabalho em conjunto com amigos, três propostas para séries de programas na televisão que não têm nada a ver com a «Cornélia». Não são concursos. Dos deles são simplesmente folhetins que pretendem ser bastante educativos e populares. Trata-se de histórias que todo o povo português conhece da tradição oral (um é «A Rosa do Adro» e o outro «O Zé do Telhado») que seriam feitos por uma equipa que inclua encenadores de teatro, pessoas habituadas a escrever para o teatro, indivíduos habituados a contactarem com o povo. (Isto é importante porque em Portugal, nas aldeias, há milhares de pessoas que

conheceram pessoalmente, ou pelos pais, o «Zé do Telhado» e torna-se assim possível entrevistá-lo e comparar a verdade histórica que é fundamental neste caso com a tradição oral, repleta de lendas e legendas sobre aquela figura). Posso resumir-lhe a ideia geral do filme se lhe disser que, no Minho, quando os pais querem assustar um menino ameaçam que vão chamar o «João Brandão» — um bandido da época do «Zé do Telhado» — e nunca ninguém ameaçou uma criança a dizer que ia chamar o «Zé do Telhado».

Julgo que há 95 por cento de hipóteses de estes programas nunca virem a ser feitos pela televisão. Idelas há, até, para programas estritamente humorísticos, sem nada de política. Agora se farão ou não, não sei.

El falando de outras dificuldades para a concretização do plano:

— Nós pretendíamos fazer tudo sem actores profissionais. Penso que estes actores portugueses de teatro estão de uma forma geral muito viciados. É mais fácil dirigir amadores, não tem tantos vícios. Claro que todas estas coisas são dificilmente aceites na televisão. Talvez se também estivesse na RTP, também não me manifestasse muito receptivo a esta ideia emalucada de fazer coisas só com amadores... E nós somos todos amadores.

## As aparências SOLUÇÕES

## HORIZONTAIS:

- O pé direito do legionário sentado está noutra posição.
- A orelha direita está noutra posição.
- Desapareceu o cordão preso ao quadro na parede.
- O desenho na jarra é diferente.
- A borla na ponta do tapete é diferente.
- As patilhas do tatuador são mais finas.
- Uma das pontas da faixa da cintura tem as riscas ao contrário.
- Um dos tinteiros tem formato diferente.
- O crescente que se vê pela janela.
- A asa do jarro na cabeça da mulher.
- CAMPINA. RIF.
- AR. CAMA.
- SABINO. AMOS.
- MIRA. MIA.
- O. OR. SI.
- AR. BARRA. AO.
- MAGA. SR. AR.
- ALO. ESPIA.
- NATAIS. AO.
- TIA. ARDERIA.
- OSSA. AEREAS.

## VERTICAIS:

- CAS. FAMENTO.
- ARAM. RA. AIS.
- BIO. GATAS.
- PUIR. BALA.
- NANÁ. OIA.
- NÃO. RS. SRA.
- MORRE. DE.
- CAIRA. SOER.
- RAMA. APARE.
- IMO. SARI. IA.
- FASTIO. AMAS.

TINTA REPASSADA

Bleed Through



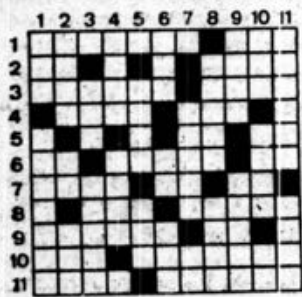
# Ria... devagarinho

## ENTRE AMIGOS

— Ontem, desmaiei no autocarro, com falta de ar.  
 — Eu também desmaiei ontem no autocarro.  
 — Com falta de ar?  
 — Não! Com a falta da carteira.

## NO TRIBUNAL

— O réu é condenado a três mil escudos, por injúrias a um agente da autoridade. Tem alguma coisa a declarar?  
 — Tenho sim senhor juiz, mas a esse preço não me atrevo!...



## Cruzadismo

### HORIZONTAIS:

- 1 Planície. Sistema montanhoso de Marrocos.
- 2 Clima. Leito.
- 3 Antigo dialecto italiano. Patrões.
- 4 Rio de Portugal. Dá mios.
- 5 Artigo definido. Sufixo que designa estado. Nota musical.
- 6 Aparência. Cidade do estado da Baía. Preposição e artigo.
- 7 Feticheira. Senhor. Clima.
- 8 Para barlavento. Espreita.
- 9 Pátrios. Preposição e artigo definido (inv.).
- 10 Irmã da mãe. Incendiária.
- 11 Serra de Portugal. Que são do ar.

### VERTICAIS:

- 1 Cabelos brancos. Avido. (fig.).
- 2 Lavram. Batráquilo. Suspiros.
- 3 Elemento grego de composição de palavras que exprime a ideia de vida. Fêmeas dos gatos.
- 4 O mesmo que polir. Dinheiro (prov.).
- 5 Romance de Emílio Zola. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro.
- 6 Recusa. Reis. Senhora.
- 7 Falece. Preposição.
- 8 Tombará. Costumar.
- 9 Primeiras folhas de árvores e arbustos (Bras.). Prepare.
- 10 Íntimo. Xaile das mulheres índias e persas. Seguir.
- 11 Falta de apetite. Estimas.



## CATALOGO DO VATICANO

O Vaticano acaba de publicar o primeiro catálogo oficial de todos os selos emitidos desde que se tornou em estado, após o acordo de Latrão com a Itália em 1929.

O catálogo comporta a reprodução, a cores, de todos os selos postais indicando, ainda, a tiragem de cada uma marcando a sua publicação um acontecimento importante para

os filatelistas de todo o Mundo, desde que os selos do Vaticano começaram a ter grande procura.

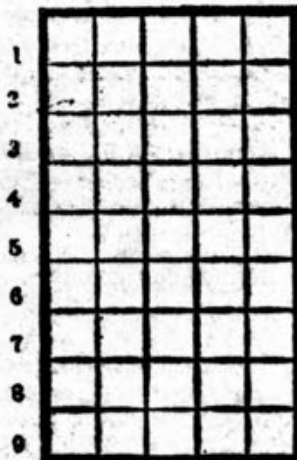
O catálogo teve uma tiragem de 25 mil exemplares e tem diversas edições, nas principais línguas ocidentais.

## COMUNIDADE BRITÁNICA

Pela terceira vez em 15 anos, os Correios canadianos emitiram um selo que marcará a abertura da vigésima terceira conferência parlamentar da Commonwealth, que se realizou em Otava, de 19 a 25 de Setembro.

O selo, com o valor facial de 25 c., inspirado numa obra do fotógrafo Malak e desenhado por Stuart Ash, representa a Torre da Paz dos edifícios do Parlamento, encimada pela bandeira canadiana.

## PILHA DE PALAVRAS



- 1 Passada.
- 2 Primeiro.
- 3 Instrumento para alisar o cabelo.
- 4 Aliança.
- 5 Casa de penhores.
- 6 Grossoiro.
- 7 Lâmina de metal.
- 8 Engastes de anel.
- 9 Exame.

Depois de resolvido este passatempo, o leitor encontrará na coluna central o nome dado a um monstro que tem duas cabeças fundidas entre si. Este passatempo apresenta a particularidade de as palavras se iniciarem pela letra «P».

NOME .....

MORADA .....

(Um disco AEG a sortear entre os solucionistas que nos enviarem as respostas até 5.ª feira)

colaboração especial de



23883 av. arriaga 1-3 funchal

## QUANTAS BOLAS?



COM QUANTAS BOLAS BRINCA O PATO MICKEY?

Partindo do centro tente encontrar uma das saídas

NOME .....

MORADA .....

(Um disco AEG a sortear entre os solucionistas que nos enviarem as respostas até 5.ª-feira)

## PREMIADOS NOS CONCURSOS ANTERIORES LABIRINTO

SOLUÇÕES: Saída superior (à esquerda) e inferior (à direita).

PREMIADO: José António Ferreira  
 Bairro de São Gonçalo, 65

## PILHA DE PALAVRAS

SOLUÇÕES: 1 — Grego; 2 — Gesso; 3 — Gafar; 4 — Greta; 5 — Genté; 6 — Grossa; 7 — Grito; 8 — Godos; 9 — Gleba. (ESFENOIDE).

PREMIADO: Ana Luisa Santos Andrade  
 Ribeira Funda — São Jorge  
 (Estes solucionistas poderão levantar os respectivos prémios, a partir de terça-feira, na redacção de DN).



## As aparências iludem...

Entre estes dois desenhos existem 10 diferenças. Se não conseguires descobri-las, procura a solução noutra página.

TINTA REPASSADA

Bleed Through



ORIGINAL COM DESFOCAGEM

A3  
 B4  
 A4  
 B5  
 A5  
 A5  
 B5  
 A4  
 B4  
 A3



«Adiar a apresentação da moção de censura e, de um ou outro modo, aceitar a proposta de comunicação ou ir sequer para meras negociações exploratórias ou de esclarecimento com o P. S. — o que politicamente é o mesmo, o resultado até das declarações prestadas pelo primeiro-ministro ontem chegado de Paris — equivale a recuar e a perder a face, a prolongar a agonia da actual situação, a ficar mais responsabilizados com a política do P. S., F. M. I. em prazo, com o fracasso do regime democrático. Isso, comigo, nunca».

**SA CARNEIRO (P.S.D.)**

«Os partidos da oposição, particularmente os à direita do PS, têm vindo a fazer ameaças e mesmo ultimatos ao Governo, dizendo, que, se não fizer isto ou aquilo, apresentarão moções de censura. No entanto, a verdade é que essas ameaças nunca se concretizaram, nem a meu ver se poderiam concretizar de uma maneira política, visto que não há condições objectivas para fazer aprovar na Assembleia da República duas moções de censura seguidas contra o Governo. Simplesmente, o Governo não deseja manter-se de qualquer maneira no poder, sempre o disse, e, num momento em que chegou a altura de realizar negociações importantes, quer com o FMI, quer com a CEE, em que é necessário tomar opções decisivas para o futuro de todos os portugueses, especialmente no que diz respeito às orientações para o Orçamento e Plano de 1978, também o Governo pensa que, se não obtiver um certo consenso dos partidos, um apoio popular manifesto, deverá ser ele próprio a suscitar o problema da moção de confiança. Portanto, foi isto que nós comunicámos aos partidos: ou chegaremos a acordo até ao fim de Novembro ou, se não chegarmos, se não houver uma perspectiva concreta de acordo, o Governo não está disposto a continuar a assumir responsabilidades que entende pertencem, fundamentalmente ao País. E porá a questão de confiança. Se os partidos forem lógicos com eles próprios, e recusarem essa confiança, a consequência está inscrita na Constituição, no Artigo 198.º, que estipula a demissão imediata do Governo.

(...) Então é a altura da oposição mostrar, de provar ao País, e que vale, de se ver se é capaz de conseguir, por um lado levar a bom termo as complexas negociações internacionais a que Portugal meteu ombros e, por outro, concitar apoio popular para um Governo, nomeadamente, uma certa cooperação do mundo do trabalho, se é capaz de resolver os problemas que afligem o País.

**MÁRIO SOARES (P.S.)**

«Parece cada vez mais claro que o Presidente da República se movimenta na cena da pequena política, não sabendo, não podendo ou não querendo elevar-se ao nível do Estado. Esta actuação tem como conseqüência o P.R. aparecer como «Costa Gomes» do P. S. ou de uma clique presidencialista. Não saberá o P. R. o que quer e o que vai fazer? É duvidoso

que saiba, sequer, o que são as outras soluções constitucionais de que fala no final do discurso. Nem ele nem o P.S. são capazes de fazer história, nem sequer de agir a nível de Estado. Essa é a nossa missão fundamental. É necessário ir desde já pensando, falando na revisão da Constituição e eleição do novo P.R.»

**SA CARNEIRO (P.S.D.)**

«Eu, por exemplo, sempre estive convencido, até ler uma sua declaração que não foi desmentida, que o dr. Sá Carneiro era uma pessoa perfeita, mente integrada dentro do sistema democrático, tal como ele está delineado na Constituição. E, subitamente, verifico que o líder de um partido que ajudou a fazê-la, que votou a seu favor e que até se fez o campeão da sua defesa dizendo que ela era social-democrática, aparece a dizer que essa Constituição, não tem sentido. E, além disso, também não há dúvida que os eleitores do PSD votaram no sr. general Ramalho Eanes e agora o dr. Sá Carneiro põe-se numa posição de crítica ao Presidente da República. Isto não quer dizer que o Presidente deva estar acima de todas as críticas, não é isso que eu pretendo, mas o Presidente, como órgão de soberania, tem de ser respeitado e tem que ser visto como o grande máximo da constitucionalidade e da democracia, da estabilidade das instituições. Portanto, são devidas certas prerrogativas, deve-lhe ser reconhecido um respeito que não me parece compatível com certo tipo de desgaste da sua pessoa, de ataques que a partir daí lhe têm sido feitos, de uma maneira, perfeitamente descabelada e intolerável».

**MÁRIO SOARES (P.S.)**



Foto de Artindo de Freitas, residente à Travessa das Torres, 13, obtida no Mercado dos Lavradores, com uma ASAHI/PENTAX KM, com lente de 55 mm, 1/60 a F:11, utilizando um flash electrónico Hamimex X130 e película Agfa Isopan 155.

**CUPÃO N.º 11**

Legenda: «A EXPRESSÃO MIMICA DE UMA GENTE»  
Publicada na edição de 20/NOV/77

Classificação ..... (de 1 a 30 pontos)  
Nome do votante .....  
Morada .....  
Telefone .....

**Concurso mundial de Fotografia**

Em colaboração com as Nações Unidas e diversas outras entidades, a Exposição Internacional de Fotografia e Cinema, organizada pela Federação Internacional de Fotografia «Prokollina» organizou um mundial de fotografia sob o lema «Trabalho e Diversão».



Daqui por diante, as crianças poderão aprender as noções elementares da física brincando. Um grupo de estudantes de pedagogia e professores de Bremen inventou um brinquedo para tabuleiro, para alunos do quinto ano que serve para transmitir de forma viva e imaginosa as interrelações entre força e potência. O brinquedo se chama «Viagem no País Energeti» e compõe-se de dados e pequenas figuras que têm de executar diversos trabalhos superar uma série de barreiras durante a «viagem». Nisso, há uma série de cartas com perguntas que devem motivar os alunos a refletir sobre a utilização mais económica e prática de energia. Quem responde certo ganha pontos. Esse jogo original já foi experimentado na prática. Uma enquete realizada em seguida revelou que 92% dos alunos adoraram o jogo e que 61% tinham jogado em casa com os seus pais, dos quais a metade declarou ter aprendido coisas novas através do jogo.

**PARTICIPAÇÃO**

A participação é facultada a qualquer pessoa sem limites de idade. As fotos colocadas em concurso deverão portar no verso o nome, o endereço, a idade e a profissão do candidato, assim como o título e a categoria da fotografia (A — Trabalho, B — Diversão).

As fotografias, podem ser em preto e branco ou coloridas.

Podem ser enviadas: 6 fotografias diferentes ou 3 séries de no máximo 6 fotos cada. As fotografias de cada série têm de estar relacionadas entre si.

O tamanho das fotografias pode ser de: 18x18cm; 18x24cm; 24x24cm; 24x30cm; 30x30cm.

Não serão aceites diapositivos.

As melhores fotografias serão expostas em Colónia durante a Feira Mundial de Fotografia que será realizada de 15 Setembro a 1 de Outubro de 1978. As fotografias de maior expressividade serão outorgadas medalhas da Organização das Nações Unidas e da Federação Internacional de Fotógrafos Amadores, bem como menções honoríficas da Photokina 1978. A Voz da Alemanha por sua vez publicará alguns dos melhores trabalhos, pagando os devidos honorários a seus autores. Todos os participantes da exposição «Trabalho e Diversão» serão agraciados com certificados das Nações Unidas e da Photokina.

As fotografias colocadas em concurso deverão ser de autoria do próprio remetente. Para facilitar a ampliação ou publicação de uma ou outra fotografia no catálogo da Photokina ou nos órgãos de imprensa, o candidato deverá colocar os negativos à disposição dos organizadores. O «copyright» permanece em poder do candidato. As decisões do júri são inapeláveis. As bases do concurso poderão ser fornecidas por escrito a pedido dos interessados.

**PRÉMIOS E MENÇÕES HONROSAS**

As melhores fotografias serão expostas em Colónia durante a Feira Mundial de Fotografia que será realizada de 15 Setembro a 1 de Outubro de 1978. As fotografias de maior expressividade serão outorgadas medalhas da Organização das Nações Unidas e da Federação Internacional de Fotógrafos Amadores, bem como menções honoríficas da Photokina 1978. A Voz da Alemanha por sua vez publicará alguns dos melhores trabalhos, pagando os devidos honorários a seus autores. Todos os participantes da exposição «Trabalho e Diversão» serão agraciados com certificados das Nações Unidas e da Photokina.



**CONDIÇÕES**

As fotografias colocadas em concurso deverão ser de autoria do próprio remetente. Para facilitar a ampliação ou publicação de uma ou outra fotografia no catálogo da Photokina ou nos órgãos de imprensa, o candidato deverá colocar os negativos à disposição dos organizadores. O «copyright» permanece em poder do candidato. As decisões do júri são inapeláveis. As bases do concurso poderão ser fornecidas por escrito a pedido dos interessados.

**PRAZO**

As fotografias deverão ser remetidas por via aérea até o dia 31 de Janeiro de 1978 (data do carimbo postal), sempre sob o lema «Trabalho e Diversão».

As remessas deverão ser feitas em envelopes fechados e devidamente franqueados.

**ENDEREÇO**

Deutsche Welle  
Presse und Information  
Postfach 100 444 Colónia  
República Federal da Alemanha.



ORIGINAL COM DESFOCAGEM